



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN

MARINA CAVALCANTI PACHECO DOS SANTOS

COLETÂNEA DE CONTOS SOMBRIOS
MACHADIANOS:
Um Projeto Editorial

Caruaru
2023

MARINA CAVALCANTI PACHECO DOS SANTOS

COLETÂNEA DE CONTOS SOMBRIOS

MACHADIANOS:

Um Projeto Editorial

Memorial Descritivo de Projeto apresentado ao Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Orientador (a): Sophia de Oliveira Costa e Silva

Caruaru

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Marina Cavalcanti Pacheco dos .
Coletânea de Contos Sombrios Machadianos: Um Projeto Editorial / Marina
Cavalcanti Pacheco dos Santos. - Caruaru, 2023.
75

Orientador(a): Sophia de Oliveira Costa e Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Design, 2023.
Inclui referências, apêndices.

1. Design Editorial. 2. Literatura Brasileira. 3. Machado de Assis. I. Silva,
Sophia de Oliveira Costa e. (Orientação). II. Título.

760 CDD (22.ed.)

MARINA CAVALCANTI PACHECO DOS SANTOS

COLETÂNEA DE CONTOS SOMBRIOS

MACHADIANOS:

Um Projeto Editorial

Memorial Descritivo de Projeto apresentado ao Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Aprovada em: 03/10/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Sophia Costa (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ricardo Oliveira de Cunha Lima (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Malthus Oliveira de Queiroz (Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento inicial vai para Deus, por me permitir chegar onde estou e abençoar meu caminho para conseguir realizar meus sonhos e objetivos.

Agradeço a Prof^a. Sophia de Oliveira Costa e Silva, por aceitar me guiar nesse projeto e por toda ajuda, ensinamento e tempo dedicados a esse desafio que é o projeto de graduação.

Agradeço a minha mãe e meu pai, Ana Flávia Cavalcanti e José Carlos Pacheco, por serem minha inspiração de vida e por serem os maiores apoiadores dos meus sonhos, além de sempre acreditarem em mim durante todos esses 21 anos. Sem seu amor, carinho e cuidado, nunca chegaria a este ponto da vida. A eles eu sou grata por tudo que conquistei. Aos meus irmãos Igor Cavalcanti e Caio Cavalcanti, por serem minha inspiração e irmãos maravilhosos. Meus avós José Carlos Moraes, Maria das Graças Pacheco e Edite Cavalcanti (*in memoriam*), por todo amor depositado em mim, amo todos vocês.

Um agradecimento especial aos meus amigos mais antigos Maria Cecília Luckwu, Júlio Henrique Luckwu, Maria Luiza Cavalcante, Maximilia Oliveira e minha irmã de coração Maria Clara Soares. Obrigada por sua amizade, apoio e por não me deixarem mesmo com a distância. Amo muito vocês, sem vocês eu não seria ninguém. Agradeço também a uma amizade mais nova, Talita Matos. Obrigada por ser minha maior companheira na faculdade, me apoiar em tudo e gostar das minhas ideias malucas.

Agradecimento especial a Ravi Castro, por todo amor, carinho e paciência, por todas as conversas, risadas e pela sua incrível parceria. Sem você, eu não chegaria aqui, obrigada por esses dois anos maravilhosos.

Agradeço aos meus colegas de faculdade, que fizeram os dias ficarem mais fáceis e aos professores que me guiaram nessa jornada.

Cada pequena ajuda, cada pequeno passo, serviram de degrau para chegar onde estou na minha vida, só tenho a agradecer por cada pessoa que me trouxe até aqui. Obrigada.

RESUMO

Este Memorial Descritivo traz o detalhamento do processo criativo e produção de um protótipo de uma coletânea de contos sombrios machadianos. Deste modo, o desafio realizado foi de produzir um livro completo, com ilustrações que buscasse enriquecer visualmente as histórias escolhidas, sendo elas “Conto Alexandrino” e “Pai Contra Mãe”, contos do autor brasileiro Machado de Assis. Utilizando da metodologia projetual de 12 passos, proposta pelo designer Bruno Munari para a concepção de um produto de design. Deste modo foi possível chegar a um produto que enfatiza o gênero fantástico da literatura brasileira. A intenção primordial desse projeto é enaltecer o fantástico clássico literário brasileiro, sendo Machado de Assis o escolhido para representar este gênero, usufruindo do design editorial e da ilustração para alcançar tal feito. O livro “Machado de Assis, Contos”, possui 20 ilustrações, especialmente pensadas para dinamizar a leitura e serem integradas com o texto, contando com 62 páginas de essência machadiana.

Palavras-chave: Design Editorial; Literatura Brasileira; Machado de Assis.

ABSTRACT

This Descriptive Memorial details the creative process and production of a prototype of a collection of dark Machado stories. Therefore, the challenge undertaken was to produce a complete book, with illustrations that sought to visually enrich the chosen stories, namely “Conto Alexandrino” and “Pai Contra Mãe”, stories by Brazilian author Machado de Assis. Using the 12-step design methodology, proposed by designer Bruno Munari for the conception of a design product. In this way, it was possible to arrive at a product that emphasizes the fantastic genre of Brazilian literature. The primary intention of this project is to praise the fantastic Brazilian literary classic, with Machado de Assis being chosen to represent this genre, taking advantage of editorial design and illustration to achieve this feat. The book “Machado de Assis, Contos”, has 20 illustrations, specially designed to streamline reading and be integrated with the text, with 62 pages of Machado's essence.

Keywords: Editorial design; Brazilian literature, Machado de Assis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	OBJETIVO GERAL.....	10
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
2.3	JUSTIFICATIVA.....	10
2	METODOLOGIA.....	12
3	DESENVOLVIMENTO PROJÉTUAL	15
3.1	PROBLEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	15
3.1.1	A Literatura Fantástica/Terror Brasileira.....	15
3.1.2	Machado de Assis.....	16
3.1.3	Contos Escolhidos.....	17
3.1.4	Público Alvo.....	18
3.2	COMPONENTES DO PROBLEMA.....	19
3.3	COLETA DE DADOS.....	20
3.4	CRIATIVIDADE.....	23
3.4.1	Tamanho e Diagramação.....	23
3.4.2	Capa.....	24
3.4.3	Contracapa.....	28
3.4.4	Lombada.....	30
3.4.5	Páginas Pré-textuais (folha de guarda até sumário).....	30
3.4.6	Páginas Textuais.....	32
3.5	EXPERIMENTAÇÃO.....	36

3.6	MATERIAIS E TECNOLOGIAS.....	37
3.6.1	Tipos de Folhas e Meio de Impressão.....	37
3.6.2	Software de Edição Gráfica e Aplicativos de Ilustrações Utilizados.....	37
3.7	PRODUÇÃO DO MODELO.....	40
3.8	DESENHO DE CONSTRUÇÃO.....	42
3.8.1	Finalização do Livro.....	42
3.8.2	Ficha Técnica.....	42
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	44
	REFERÊNCIAS.....	49
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM O PÚBLICO.....	51
	APÊNDICE B – O LIVRO COMPLETO.....	59

1 INTRODUÇÃO

O segmento editorial brasileiro se iniciou no século XIX com a fundação da Imprensa Régia¹, tendo sido a responsável pelo primeiro livro publicado no Brasil, “Marília de Dirceu”, escrito pelo poeta luso-brasileiro Tomás Antônio Gonzaga (Baptista, 2012). Desde então, o cenário editorial no país sofreu alterações e foi se transformando e crescendo. Para termos noção das proporções do mercado atual, podemos levar em consideração o quadro social do SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros), que conta com cerca de 550 associados, número que representa 74% do setor no Brasil. (SNEL, 2023).

Nesse contexto, surge, em 2012, a Darkside, a primeira editora brasileira especializada na literatura do terror, além de outros gêneros, como ficção científica, fantasia e demais, o que a tornou um destaque editorial. Seus livros se distinguem no mercado pela qualidade gráfica e editorial, voltando os olhares do mercado brasileiro para o gênero de terror. (Navega, 2022.). Editoras, como a Suma, pertencente ao grupo Companhia das Letras, também acabaram por explorar o território do sombrio, e, hoje, por exemplo, possuem uma nova gama de edições das obras de Stephen King, incluindo uma coleção de colecionador (as edições “Biblioteca”). Demais editoras também aderiram a causa do gênero, como a Aleph, Intrínseca, Rocco, entre outras. (Régis, 2017).

Alguns autores clássicos da literatura brasileira do gênero fantástico/terror, como Aluísio de Azevedo, Alvarez de Azevedo, Bernardo Guimarães, Coelho Neto, Fagundes Varela, e Humberto de Campos, possuem um acervo riquíssimo de histórias ao qual não recebem o devido reconhecimento. Como o próprio Machado de Assis, nascido em 1839, que foi um homem negro, carioca, e um dos maiores escritores da nossa literatura. ²

Machado é conhecido por obras como: Helena; Dom Casmurro; e Memórias Póstumas de Brás Cubas. Ele conta com cerca de 10 romances publicados, 10 peças teatrais, 200 contos, 5 coletâneas de poemas e mais de 600 crônicas.

¹ “A Imprensa Régia foi estabelecida pelo decreto de 13 de maio de 1808, com a finalidade de se imprimir toda a legislação e papéis diplomáticos provenientes das repartições reais e quaisquer outras obras. Subordinada à Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, sua abertura no Brasil representou o fim da proibição de instalação de tipografias, que vigorou durante o período colonial.” (MAPA, 2021, p. [1])

² Fonte: <https://machado.mec.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2023.

(Marinho). Com textos obscuros, dentro do seu acervo de contos, podemos destacar obras como: Pai contra mãe; O Alienista; Conto Alexandrino; A Causa Secreta; e Igreja do Diabo. Tais contos fazem reflexões sobre a essência humana.

Deste modo, este trabalho tem o intuito de mostrar a elaboração de um projeto gráfico editorial de um protótipo de coletânea de 2 contos sombrios de Machado de Assis, sendo eles: “Conto Alexandrino” e “Pai Contra Mãe”. Inspirando-se na estética de obras recentes lançadas no mercado, valendo-se da metodologia projetual de Bruno Munari, que é dividida em 12 etapas para a solução de um problema de design e conseqüentemente a geração de um produto.

1.1 OBJETIVO GERAL

- O objetivo é elaborar um projeto editorial de um protótipo de coletânea de 2 contos sombrios de Machado de Assis, desde sua capa, diagramação e ilustrações.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar referências visuais sobre a estética de novos livros do gênero sombrio;
- Produzir o design de um protótipo de um livro de contos, com base na metodologia de Bruno Munari;
- Elaborar um protótipo físico apresentando o projeto desenvolvido.

1.3 JUSTIFICATIVA

O designer é um dos personagens que atua para despertar o desejo de adquirir livros físicos, cabe a ele despertar o desejo nas pessoas, seja criando livros colecionáveis, decorativos ou uma com diagramação envolvente. É essencial pensar na experiência dos usuários, nesse caso, na emoção que cada livro produz, levando em consideração as cores, os grafismos e a tipografia. Em possibilitar sensações visuais e leitura agradáveis selecionando uma fonte de texto, seu entrelinhamento e as margens das páginas.

Neste cenário, surgem editoras nacionais que investem neste tipo de produção de qualidade e com maior elaboração, como a Antofágica e a própria Darkside. Suas obras possuem uma qualidade gráfica que provoca desejo ao consumidor, capas elaboradas, as quais algumas chegam a ser interativas, movendo-se com aplicativos de celular, livros possíveis para o ato de colecionar e de usar como decoração. (Navega, 2022).

Além disso com o aumento do colecionismo por parte do público consumidor essa estratégia acaba se mostrando a mais inteligente tanto para manter os clientes que já compram livros físicos como para conquistar o público digital, pois no final um *e-book*³ nunca terá a mesma experiência de leitura de um livro impresso. (Régis, 2017).

A partir de uma análise pessoal, observa-se que existe um ambiente mercadológico que permite e alimenta produções de livros de terror com uma melhor elaboração editorial. E, tomando isso como oportunidade surge a ideia de montar um produto que homenageia um grande autor clássico da literatura brasileira, Machado de Assis, que tem sua fama muito mais pelos seus romances do que pelos seus contos fantásticos sombrios que possuem uma riqueza literária tão boa quanto.

Logo, pensando em engrandecer esse lado obscuro de um autor tão importante para as letras nacionais, foi idealizada uma coletânea física de 2 contos sombrios machadianos, com o objetivo de criar um produto que impressione tanto exteriormente quanto interiormente.

Esse trabalho tem o intuito de ser um colaborador para o design editorial brasileiro, servir de inspiração para demais profissionais que se identifiquem com a temática, além de evidenciar o gênero literário do fantástico nacional. Sendo assim um projeto que procura honrar a cultura literária do Brasil, e mais que isso prezar pelos clássicos nacionais.

a linguagem do design envolve reflexão, bom gosto e a análise de formatos e suportes: tudo isso leva à adoção de um projeto gráfico adequado e consistente, que transforma cada livro num objeto singular. (Araújo, 2008, p. 277).

³ “O e-book — electronic book, ou livro digital — é um conteúdo em forma de texto e imagens como fotos e gráficos, apresentado no formato de um livro.” (Gogoni, 2023, p. [1]).

2 METODOLOGIA

Para a concepção desse projeto, foi adotada a metodologia do artista e designer italiano Bruno Munari, apresentada no seu livro *Das Coisas Nascem Coisas* (1998). Neste livro, Munari apresenta sua metodologia que é dividida em 12 etapas “O Método do projeto não é mais do que uma série de operações necessárias dispostas em ordem lógica, ditada pela experiência. Seu objetivo é o de atingir o melhor resultado com o menor esforço.” (Munari, 1998). Trata-se de uma metodologia objetiva e prática, que permite adaptações a depender da necessidade do projeto, ordenada a partir da definição do problema até a criação de um produto que será sua solução. As etapas são definidas da seguinte maneira:

1. Problema (P): Apresentar o problema.
2. Definição do problema (DP): definir o problema que deseja resolver.
3. Componentes do Problema (CP): Decompor o problema em seus componentes, ou seja, em problemas menores.
4. Coleta de Dados (CD): Pesquisa de dados necessários para o estudo do problema, para sua resolução.
5. Análise de Dados (AD): Filtragem das informações coletadas.
6. Criatividade (C): Utilizar os dados coletados para geração de ideias.
7. Materiais e Tecnologias (MT): Estudo sobre possíveis materiais e processos necessários para execução do projeto.
8. Experimentação (E): Realização de experimentos de materiais e projetos para a solução do problema.
9. Modelo (M): A partir dos resultados da experimentação, construir protótipos.
10. Verificação (V): Apontamentos de erros e melhorias a partir do modelo.
11. Desenho de Construção (DC): Finalização do modelo final após todos os passos anteriores.
12. Solução (S): O projeto final.

Ainda baseado na metodologia de Munari (1998), foi desenvolvido o seguinte esquema para a produção desse projeto, a partir da junção de alguns passos: Problema com Definição do problema (etapa 1), Coleta de Dados com Análise (etapa 3) e Dados Modelo com Verificação (etapa 8). Além desses agrupamentos,

também houve uma realocação da etapa de Experimentação, que surgiu a partir de uma necessidade de teste com o público durante a Criatividade e sendo posicionada dentro da mesma.

1- Problema e Definição do Problema	<ol style="list-style-type: none"> 1. Design de uma coletânea ilustrada de 2 contos sombrios de Machado de Assis, trabalhando com o exterior e o interior do livro. 2. Definir público alvo.
2- Componentes do problema	<ol style="list-style-type: none"> 1. Capa, lombada e contracapa. 2. Guarda do livro. 3. Elementos pré-textuais. 4. Página de abertura para cada conto. 5. Grid das páginas internas. 6. Ilustrações.
3- Coleta de Dados e Análise de Dados	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fazer <i>moodboards</i>/mapas de inspirações com livros semelhantes em estruturas, paleta de cores e capas com temáticas parecidas. 2. Extrair elementos relevantes da pesquisa feita, ou seja, paleta de cores, tipografias, formatos e diagramações.
4- Criatividade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Organizar e juntar as etapas anteriores. 2. Produzir alternativas.

	3. Criação do projeto.
4.1- Experimentação	1. Experimentar as alternativas produzidas na Criatividade para coletar a percepção do público-alvo, com o objetivo de direcionar a criação.
5 - Materiais e Tecnologias	1. Tipos de folhas e meio de impressão. 2. Software de edição gráfica e aplicativos de ilustrações utilizados.
6- Modelo e Verificação	1. Produção do modelo.
7- Desenho de Construção	1. Finalização do Livro. 2. Ficha Técnica.
8- Solução	O livro.

3 DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

3.1 PROBLEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O problema do trabalho se trata de uma produção editorial de um protótipo de uma coletânea de contos sombrios machadianos com as seguintes histórias selecionadas: Conto Alexandrino e Pai contra Mãe. Tais contos mostram o melhor do fantástico machadiano com reflexões sobre a existência humana e sobre valores morais, e, por isso, foram escolhidos para o projeto. A intenção também é produzir uma experiência literária possibilitada pelo design e pela ilustração. Logo, o problema do trabalho é a produção de um design de um livro completo e suas ilustrações.

3.1.1 A Literatura Fantástica Brasileira

Diferente do gênero de fantasia que cria um mundo e universo próprios, a literatura fantástica realista é um gênero literário que caminha entre o real e o irreal. É onde os horrores e os acontecimentos estranhos não partem de um mundo fictício, mas sim da nossa realidade, provocando sentimentos de estranhamento e agonia, podendo ou não mexer com o sobrenatural. O termo fantástico também é usado para definição de outros gêneros literários como o terror e horror. (Niels, 2014).

Dentro do fantástico, a fantasia pode ser explorada de maneiras diferentes, com seres não humanos falantes e de personalidade, e muitas vezes aquilo que conhecemos por realidade é subvertido ao estranho e extraordinário, é uma fusão entre nossa realidade cotidiana e o inexplicável e o impossível. (Matos).

No Brasil, o gênero surge no século XIX pelo conto *Noite na Taverna* (1885), de Álvares de Azevedo. Não só ele como outros autores respeitados como Fagundes Varela, Franklin Távora e Machado de Assis, produziram conteúdo para esse gênero na época. (Niels, 2014).

Apesar disso, o gênero foi sendo sufocado ao longo do século XIX, primeiramente pelos sucessos dos romances de José de Alencar e posteriormente pela ascensão no gênero realista. A Doutora em literatura Karla Niels, explica que:

O modelo proposto pelos romances de Alencar influenciaria até mesmo os movimentos literários posteriores ao romantismo – o realismo e o naturalismo –, obstruindo qualquer possibilidade do surgimento de um fantástico brasileiro profícuo. As duas vertentes da ficção alencariana – a regional e a urbana – deram origem a duas linhas hegemônicas da nossa ficção – a regionalista e a psicológica. (Meneses, 2014, p. 186.)

Porém, há um movimento, tanto acadêmico quanto do público leitor que busca trazer uma maior evidência, e consumo, a esse gênero na literatura nacional, não só com novas produções de autores como Flávio Carneiro, Rubens Figueiredo e Bráulio Tavares, como também na valorização de produtos antigos, tanto de autores relevantes que nunca foram reconhecidos pelos seus contos fantásticos assim como Machado de Assis. (Niels, 2014).

Esse projeto faz um recorte de contos machadianos fantásticos sombrios, também os relaciona com a estética do terror por estarem dentro do mesmo espectro literário. Ademais, é uma forma de valorização desse gênero tão subjugado no Brasil, e de origens tão ricas na nossa literatura.

3.1.2 Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, ou apenas Machado de Assis, nasceu em 21 de junho de 1839 no bairro do Livramento, no Rio de Janeiro, filho do brasileiro Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina de Machado e Assis.

A carreira de Machado se iniciou aos seus 15 anos quando se tornou colaborador do jornal Marmota Fluminense, publicando seu primeiro poema “Ela”. Desde então, não parou de escrever e não produziu apenas livros de poemas, mas também romances, crônicas, sátiras, peças de teatro, críticas jornalísticas e contos.

Em sua carreira literária, Assis passou por dois grandes momentos. A fase romântica, com ênfase para suas duas primeiras obras, Ressurreição; A Mão e a Luva; Helena e Laia Garcia, caracterizadas com enredos lineares, mistérios e finais felizes ou trágicos. (Frazão, 2021). Já na fase de realismo, iniciada por sua obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, é onde se encontram suas obras de destaque como “Quincas Borba” e “Dom Casmurro”. Nesta fase, Machado se prendeu aos conceitos humanos, se aprofundando na psique dos personagens e fazendo reflexões sobre a fragilidade da vida, os valores morais e os limites sociais. (Frazão, 2021).

Em 1908, publicou seu nono e último romance, “Memorial de Aires”, e em fevereiro deste mesmo ano, faleceu aos 69 anos na cidade do Rio de Janeiro, dois anos após a morte de sua esposa Carolina. Foi enterrado segundo seu pedido: na sepultura da esposa no cemitério São João Baptista.

Os seus destaques e fama se dão muito pelos seus romances ilustres, mas talvez a maior riqueza das suas produções esteja presente em seus contos. Tendo escrito cerca de 200 contos, Machado consegue destrinchar os mais diversos assuntos das mais variadas maneiras. Abordando temas como: sanidade, loucura, vida, morte, a fragilidade da nossa identidade, inveja e autodestruição e tabus na época como a escravidão, sem deixar de acrescentar o seu toque especial e único, a ironia.

Exatamente por tocar nesses assuntos que ele muitas vezes cai no cenário sombrio. As moralidades da sociedade e a essência do que é ser humano sempre renderam histórias obscuras com violência e meio entendimentos, além do seu gosto por mistérios que podem, ou não, ter solução. Seu humor e sagacidade com as palavras foram o que o tornaram um destaque na literatura nacional, inclusive parodiava qualquer tipo de linguagem, desde a bíblica até jornalística, sendo estes os alvos mais recorrentes de suas sátiras. (Gledson, 2007).

Vale ressaltar que Machado não é considerado um autor essencialmente do gênero fantástico, isso porque, a maioria das suas obras não são desse espectro, porém, muitos dos seus contos possuem as características fantásticas, mas são pouco reconhecidos por tal, o tornando um candidato válido a esse trabalho.

Por isso, e por ser um clássico a frente do seu tempo que marcou a história das narrativas brasileiras com suas obras de renome, que ele foi escolhido para este projeto e 2, de seus mais de 200 contos, foram selecionados para representar a escrita oculta e cativante do autor que expressam o melhor da sua obra sombria.

3.1.3 Contos Escolhidos

- **Conto Alexandrino**

Publicado pela primeira vez no jornal *Gazeta de Notícias*, em 1883, conta a história de Stroibus e Pítias, dois filósofos que cansaram da sua terra natal e

decidem partir para a terra de Alexandria.

Esse conto discute a visão que Machado tinha sobre a ciência, levando em consideração que no século XIX surgiu a ideia que a ciência seria a verdade absoluta. (Hentz, 2011). Logo, o conto mostra os extremos que a ciência pode chegar: despersonalizar o homem e desrespeitar a vida alheia pela busca de uma verdade absoluta ou a busca para se tornar Deus. Tudo isso discutido como uma crítica e com um final ácido e irônico. (Aurélio, 2017).

- **Pai Contra Mãe**

O conto Pai Contra Mãe, publicado em 1906, conta a história de Cândido Neves, e de seu conflito com Arminda, uma escrava fugida. Este talvez seja um conto que Machado tenha falado mais diretamente sobre a escravidão, um tema tabu para a sociedade carioca do século XIX. O sombrio no conto está diretamente ligado ao tema, nas descrições de métodos de torturas aos escravos, nas entrelinhas das palavras de Machado sobre a caça aos escravos e na expectativa criada de que algo vai acontecer. Sobretudo, no embate moral no fim do conto, onde o leitor pensa que o Pai irá ceder para uma Mãe, mas ele nem ao menos hesita, mesmo sabendo que está a levando para a morte do filho.

3.1.4 Público Alvo

Não é de hoje que o gênero sombrio conquista um enorme fascínio pelo público, é uma classe de história secular passada para frente por lendas, histórias ao redor da fogueira e até contos infantis. (Editora Brasil, 2020). Nos dias atuais, assim como antigamente, os mais diversos públicos podem ser encantados pela literatura fantástica, principalmente os jovens.

Este trabalho tem foco em atingir um público que já gosta do gênero do fantástico brasileiro, a partir dos 15 anos, sem segmentação de classe social. Porém, não podemos excluir a possibilidade de atrair uma gama de pessoas que inicialmente não se interesse pelo tema, mas que possa experimentar um pouco desse mundo novo e se encantar pela escrita machadiana sombria.

3.2 COMPONENTES DO PROBLEMA

Para exemplificação dos seguintes tópicos foi utilizado como bibliografia a obra “*Layout: O Design da Página Impressa*”, de Allen Hurlburt, a fim de proporcionar um maior esclarecimento dos componentes.

Elementos pré-textuais

- Capa: é o primeiro contato que se tem do público com o produto, por isso é importante que seja interessante o suficiente para despertar o desejo de aquisição e curiosidade. Para a capa do projeto, foi pensado inicialmente em elementos que remetesse aos contos, como os personagens que sofrem algum tipo de violência nas histórias.
- Contracapa: a parte traseira do livro, geralmente contém a sinopse, também pode ter comentários de outras pessoas ou apenas uma frase de efeito.
- Lombada: parte lateral oposta ao corte do livro. Em uma estante, a lombada é o que fica visível para identificação do livro, por isso geralmente contém o título, nome do autor e editora.
- Folha de Guarda: é o arremate do miolo com a capa dura, não sendo necessário em livro de tipo brochura. Na ideia inicial desse projeto, foi pensado que a folha de guarda deveria ter uma cor que se contraponha com a capa para causar um impacto visual na primeira abertura do livro.
- Falsa Folha de Rosto: réplica da capa, pode conter ou não o título da obra.
- Folha de Rosto: Contém as informações que caracterizam a edição, como: título, subtítulo, autor, número da edição editora, entre outros dados.
- Ficha Catalográfica: é um tipo de ficha técnica que possui todos os dados necessários para identificação e catalogação de um livro, deve ser feito por

um bibliotecário.

- Sumário: organizar as partes do livro por tópicos.

Elementos textuais

- Página de Abertura dos Contos: foi pensando em produzir páginas de aberturas dos contos para sinalizar o começo de uma nova história.
- Grid para as páginas internas: é a estrutura guia para toda produção de design. Para os livros, pensar nele é pensar na mancha de texto, ou seja, determinar as margens laterais, inferior e superior do texto. Para o projeto, a intenção inicial era criar um grid volátil que pudesse ser desconstruído ou utilizado em partes para dinamizar a leitura.
- Ilustrações: também foi pensando a produção de ilustrações para integrá-las com o texto. O objetivo é deixar a leitura dinâmica e divertida para o leitor.

3.3 COLETA DE DADOS

Para a etapa de coleta de dados, foram feitos 4 painéis semânticos diferentes para uma análise da estética do fantástico sombrio, utilizando também um recorte do terror/horror por ser considerado dentro do espectro estudado neste projeto.

Primeiro foi desenvolvido um sobre aspectos gerais da estética do sombrio. Outro com análise de capas de livros de fantástico/terror gerais, uma de capas de livros de terror psicológico e mais uma de capas de livros do fantástico/terror vermelhas e pretas.

Figura 1 - Painel semântico - aspectos gerais



Fonte: A autora (2023).

Figura 2 - Painel semântico - capas de livros do fantástico/terror



Fonte: A autora (2023).

Figura 3 - Painel semântico - capas de livros de terror psicológico



Fonte: A autora (2023).

Figura 4 - Painel semântico - capas de livros do fantástico/terror vermelhas e pretas



Fonte: A autora (2023).

Foi extraído dos painéis semânticos as seguintes informações:

- Tipografia: uso maior de tipografias serifadas para o título e também textura de desgastes nos tipos.
- Cores: uso majoritário do preto mais uma cor quente, geralmente o vermelho. Também há recorrência de cores como o amarelo, laranja, bege e azul.
- Utilização recorrente de “molduras” nas capas.
- Textura de desgaste ou folhas envelhecidas.
- Ilustrações hachuradas.

A etapa de coleta de dados e de produção desse material de pesquisa é importante para entender melhor o projeto e se preparar para a criação. A necessidade de criar 4 painéis semânticos veio da incerteza de como prosseguir e foi, a partir dessa pesquisa, que o trabalho pode se iniciar de uma maneira mais fluida e sem tantos obstáculos para a compreensão do produto. No decorrer do projeto, foi necessário a volta para a etapa de coleta de dados para produção de novos painéis a fim de guiar novas ideias.

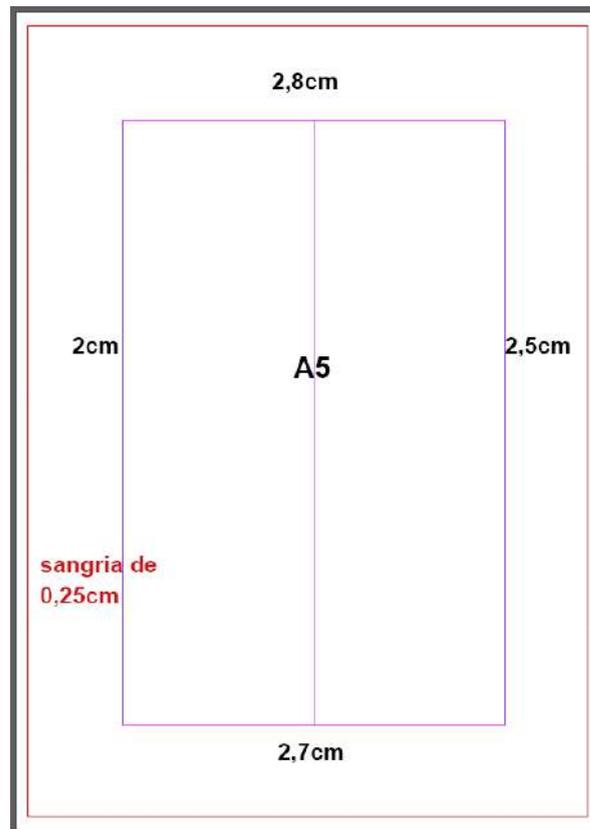
3.4 CRIATIVIDADE

Nessa etapa, transformamos a coleta de dados em produção, sintetizamos nossas ideias e exploramos ao máximo as possibilidades em busca do melhor resultado possível.

3.4.1 Tamanho e Diagramação

O tamanho determinado do livro foi de uma folha A5 (15cm x 21cm), com uma sangria de 0.25cm. Logo, as margens decididas foram: superior - 2,8cm; inferior - 2,7cm; interna - 2,5cm; externa - 2cm. Com a possibilidade de utilização de duas colunas de texto, ou apenas parte dela.

Figura 5 - Representação das margens

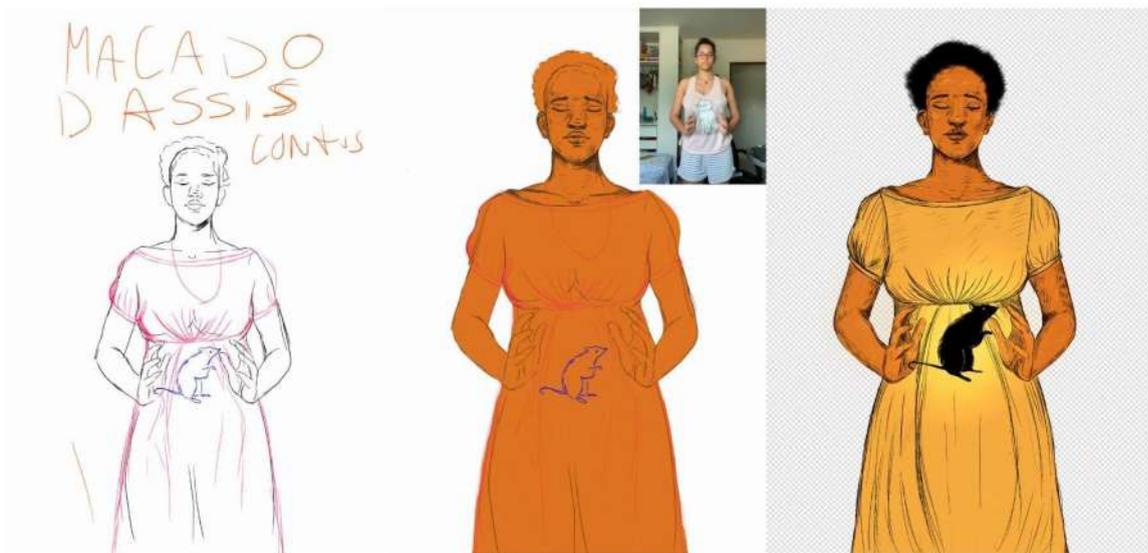


Fonte: A autora (2023).

3.4.2 Capa

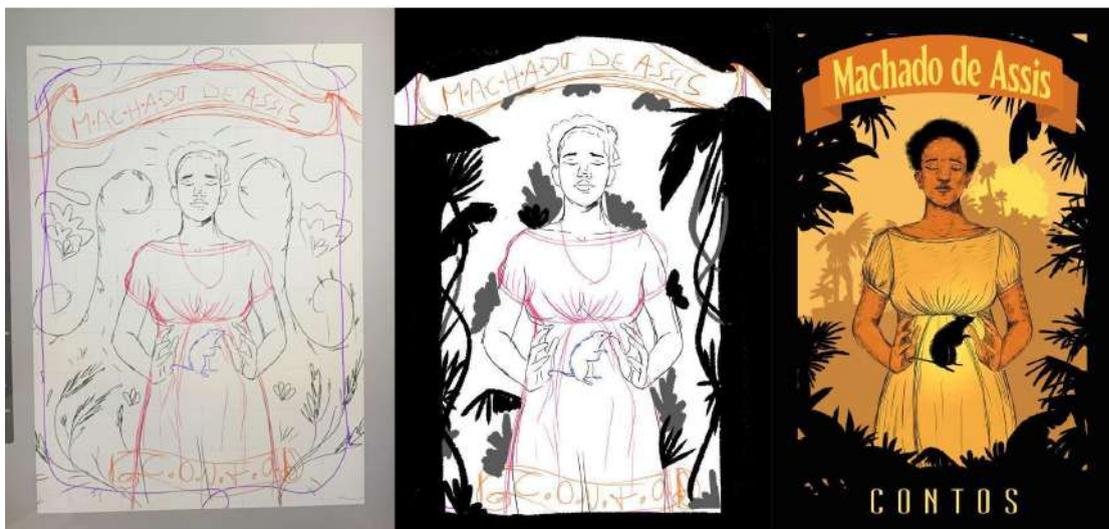
Para a composição da capa, foi pensada em representar as vítimas de cada conto, sendo elas: os ratos torturados no “Conto Alexandrino” e Arminda, “a escrava fugida”, grávida, que é capturada e levada de volta ao seu senhor em “Pai Contra Mãe”. Então, surgiu a imagem de Arminda segurando um rato bem em frente ao seu ventre, com uma expressão triste. Essa posição também faria uma analogia a visão de uma vida negra para o século XIX, a vida do filho de Arminda, que era tão descartável quanto um rato para os demais personagens do conto, (Figura 6).

Figura 6 - Evolução da figura central



Fonte: A autora (2023).

Figura 7 - Primeira etapa de desenvolvimento da capa

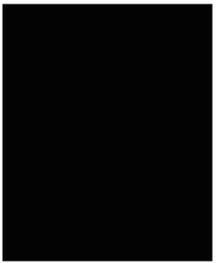


Fonte: A autora (2023).

Para paleta de cores, inicialmente, foi utilizada a ideia do preto juntamente a tons quentes, por isso os tons laranja e amarelo. Porém, no decorrer do processo, foi elaborada uma nova opção, para se adequar melhor ao tema. Foi necessário a volta à etapa de coleta de dados, para mais um estudo de cores e arranjos de elementos. Isso permitiu a criação de uma nova paleta de cores (Figura 8), e uma proposta nova de tipografia para o título, “The Wild Breath of Zelda”, uma fonte serifada um pouco robusta e com características de desgastes, sem perder o tom

clássico das fontes dos livros do século XIX, época que as histórias foram feitas. (Figura 9). Para a palavra “contos”, foi escolhida a tipografia "Ultra Condensed Sans Serif", ela não possui serifa e é um pouco mais moderna para contrastar com a do título, mas sem descaracterizar o conjunto da capa (Figura 10).

Figura 8 - Paleta de cores final

				
#8C1C1F	#DE7426	#ED1E29	#FFFFFF	#030303
CÓDIGO CMYK C: 28% Y: 96% M: 99% K: 30%	CÓDIGO CMYK C: 20% Y: 100% M: 100% K: 11%	CÓDIGO CMYK C: 1% Y: 93% M: 99% K: 0%	CÓDIGO CMYK C: 0% Y: 0% M: 0% K: 0%	CÓDIGO CMYK C: 75% Y: 67% M: 68% K: 89%

Fonte: A autora (2023).

Figura 9 - Demonstração alfanumérica da tipografia *The Wild Breath of Zelda*



Fonte: A autora (2023).

Figura 10 - Demonstração alfanumérica da tipografia *Ultra Condensed Sans Serif*



Fonte: A autora (2023).

Juntamente com a ajuda da pesquisa com público na etapa de Experimentação realizada durante o processo da criatividade, tendo os resultados apresentados no Apêndice A, pode-se chegar à finalização completa da capa. Adicionando novas texturas, alterando o fundo para uma ilustração do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro, lugar que se passa a história “Pai Contra Mãe”, e alterando a moldura para manchas de tinta, a fim de se chegar em um resultado mais consistente com o tema.

Figura 11 - Segunda parte da evolução da capa



Fonte: A autora (2023).

Vale ressaltar que todo o projeto foi pensado para ser em capa dura e, com a parte gráfica dela pronta, pode-se dar continuidade às produções a utilizando como modelo base.

3.4.3 Contracapa

Para contracapa, a intenção inicial era mantê-la com pouco ou nenhum texto, por ser uma tendência de algumas editoras, como a Darkside, que, muitas vezes, preferem não colocar a sinopse completa atrás das suas obras e sim fazer outro tipo de composição, focando em ilustrações ou em frases que ocupam grande parte do espaço. Com isso, foram produzidas as seguintes opções:

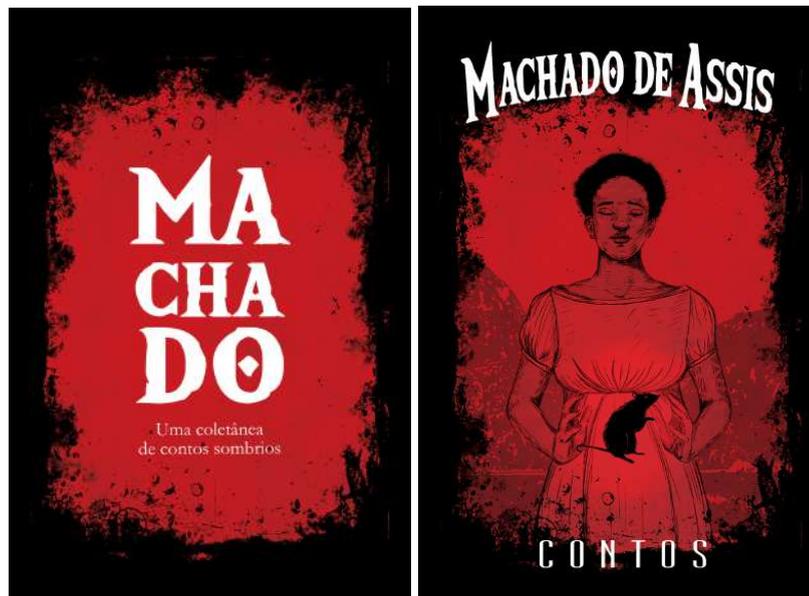
Figura 12 - Opções desenvolvidas de contracapa



Fonte: A autora (2023).

Dentre elas, a última foi a escolhida, por não ser muito repetitiva nos elementos, trazer destaque para o nome do autor, e proporcionar uma composição diferente, mas que ainda se conecta com a capa.

Figura 13 - Contracapa e capa juntas

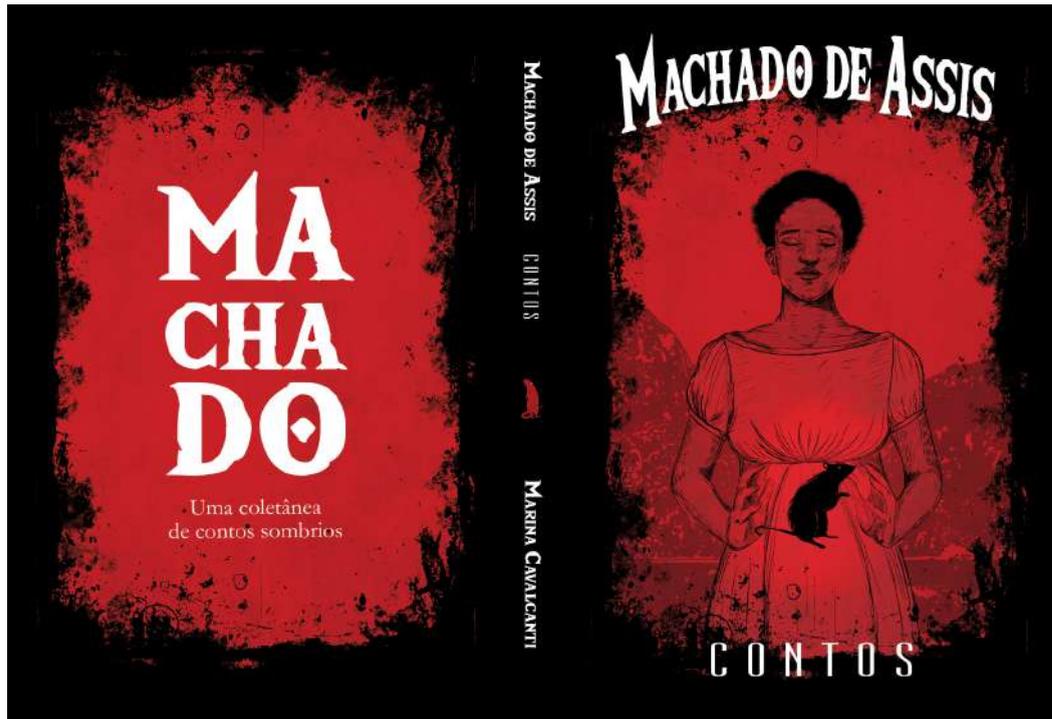


Fonte: A autora (2023).

3.4.4 Lombada

Para a lombada, foi mantida a cor preta e adicionadas informações básicas do livro, como: autor, o título “contos” e a responsável pela seleção dos contos e desenvolvimento do projeto gráfico.

Figura 14 - Projeto completo



Fonte: A autora (2023).

3.4.5 Páginas Pré-textuais (folha de guarda até sumário)

Para a folha de guarda, foi pensando em seguir com os tons de vermelho e em criar um padrão de “ratinhos”, elemento que o conectaria com a capa, mantendo também a textura utilizada na mesma. Com isso, tivemos o seguinte resultado:

Figura 15 - Folha de guarda



Fonte: A autora (2023).

Já para a falsa folha de rosto e folha de rosto, manteve-se o conceito de serem uma réplica da capa, alterando apenas alguns elementos, cores e informações.

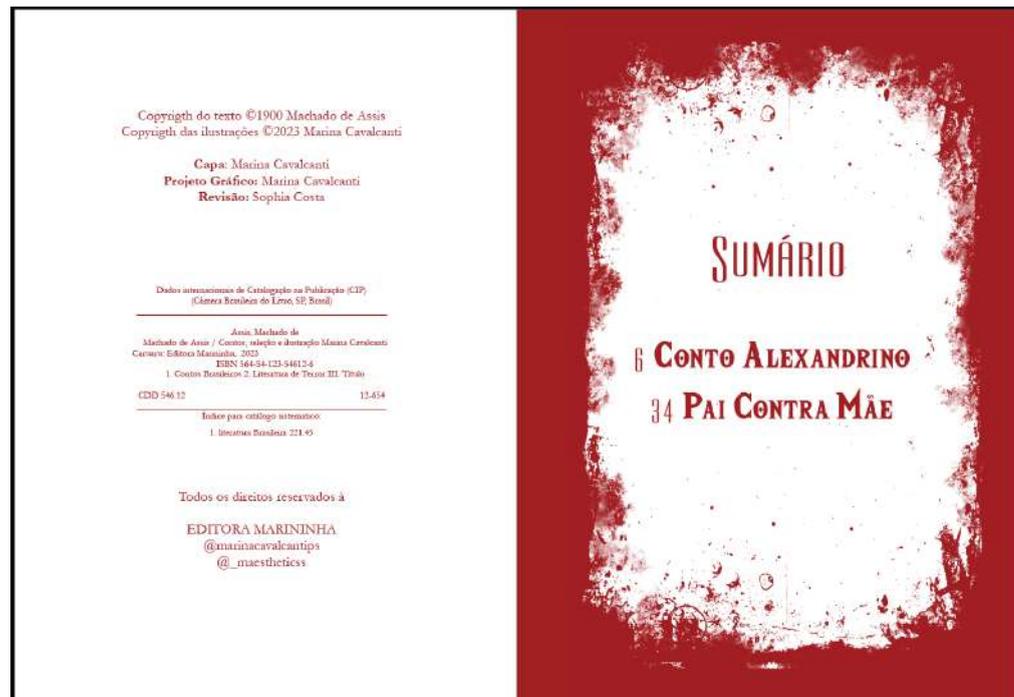
Figura 16 - falsa folha de rosto e folha de rosto



Fonte: A autora (2023).

Para a ficha técnica, foi feita uma diagramação simples, e no sumário foi utilizado apenas a moldura da capa e os nomes dos contos em sequência.

Figura 17 - Ficha técnica e sumário



Fonte: A autora (2023).

3.4.6 Páginas Textuais

- **Páginas de abertura**

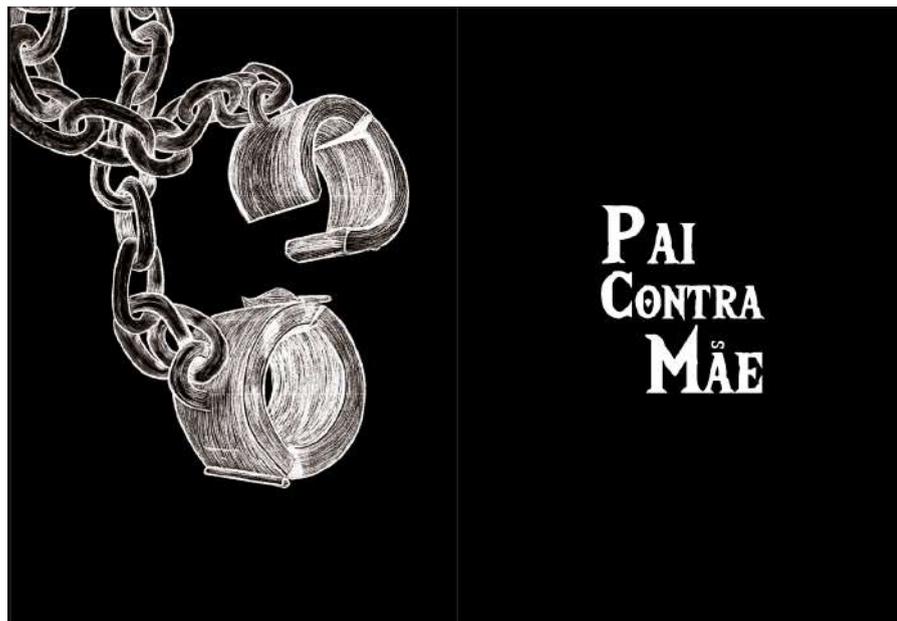
Para as páginas de abertura dos contos, foram feitas duas ilustrações que introduzirão cada história. Primeiro, o Farol de Alexandria para “Conto Alexandrino” e, segundo, grilhões para remeter a escravidão, contexto do conto “Pai Contra Mãe”. Estas foram postas nas páginas esquerdas e nas páginas à direita o nome dos contos.

Figura 18 - Páginas de abertura Conto Alexandrino



Fonte: A autora (2023).

Figura 19 - Páginas de abertura Pai Contra Mãe



Fonte: A autora (2023).

- Texto

Para a diagramação dos contos, foi seguido as margens estabelecidas no começo do projeto, o texto corrido utilizado a fonte “Garamond”. Vale ressaltar que a mancha de texto determinada não é uma regra, podendo a parte interna variar em quantidade de texto, localização, interagir ou não com as ilustrações.

Para conferir todas as páginas desenvolvidas, cheque o anexo Apêndice B.

Figura 20 - Compilado de páginas



Fonte: A autora (2023).

Excepcionalmente para “Conto Alexandrino”, foram feitas páginas de abertura de capítulos pelo motivo da história ser dividida em capítulos.

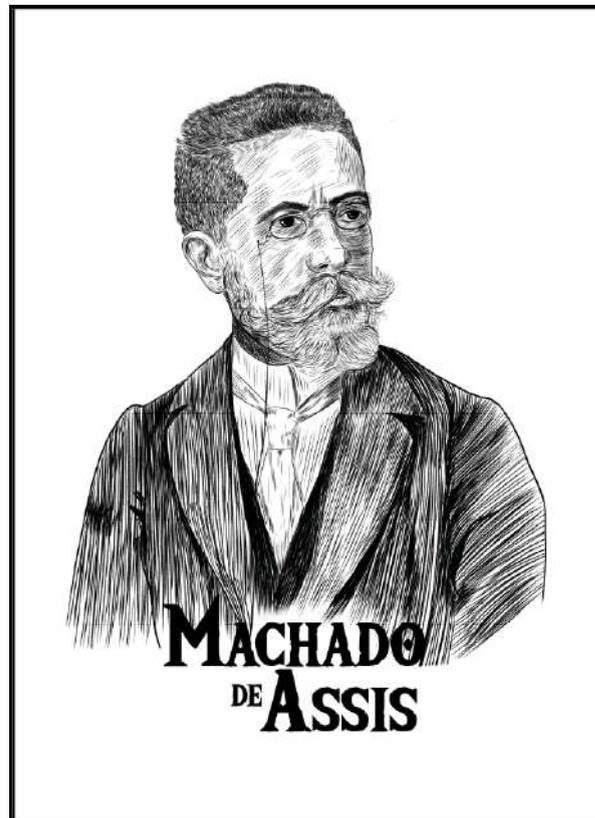
Figura 21 - Páginas de abertura de capítulos, Conto Alexandrino



Fonte: A autora (2023).

Foram produzidas 19 ilustrações, para fazer parte das histórias e, por fim, para conclusão do livro, foi feita uma ilustração de Machado de Assis. Com isso, o livro totalizou 62 páginas. Os programas utilizados para a produção das ilustrações e das páginas podem ser conferidos no tópico 3.6.2.

Figura 22 - Ilustração Machado de Assis



Fonte: A autora (2023).

3.5 EXPERIMENTAÇÃO

A etapa de Experimentação, era originalmente localizada após Materiais e Tecnologia, porém foi realocada da metodologia original a fim de servir melhor ao projeto, agora permanecendo dentro da etapa da Criatividade. A experimentação é uma etapa onde se pode testar as produções da Criatividade com o objetivo guiar as atividades da melhor maneira.

Com isso, foi criado um formulário de perguntas, para o público externo, que concedia um protótipo inicial do produto, e questionava primeiras impressões, opiniões e sugestões para o desenvolvimento do livro.

Primeiramente voltado para o público-alvo, aqueles que gostam da literatura fantástica, porém devido à dificuldade de encontrar pessoas deste nicho dispostas a responder, também foi aberto para amantes de outras mídias de terror e público em geral. Com isso, obteve-se 33 respostas, que foram suficientes para ajudar na criação e na tomada de decisão de mudanças de alguns elementos do livro, principalmente da capa, e correção de erros de diagramação.

O questionário e suas respostas podem ser conferidos no Apêndice A.

3.6 MATERIAIS E TECNOLOGIAS

3.6.1 Tipos de Folhas e Meio de Impressão

Com a parte gráfica concluída, pode-se começar a pensar no processo de impressão, ou seja, na parte física do projeto, tipos de impressão e materiais.

Juntamente com a gráfica responsável, o tipo de impressão decidido foi a de Impressão Digital, que é um tipo de impressão que não necessita de nenhuma matriz, e ocorre com a combinação dos comandos feitos pelo computador e uma impressora. Com os comandos enviados pelo computador, a impressora separa as informações no intuito de transferir a tinta para o papel.

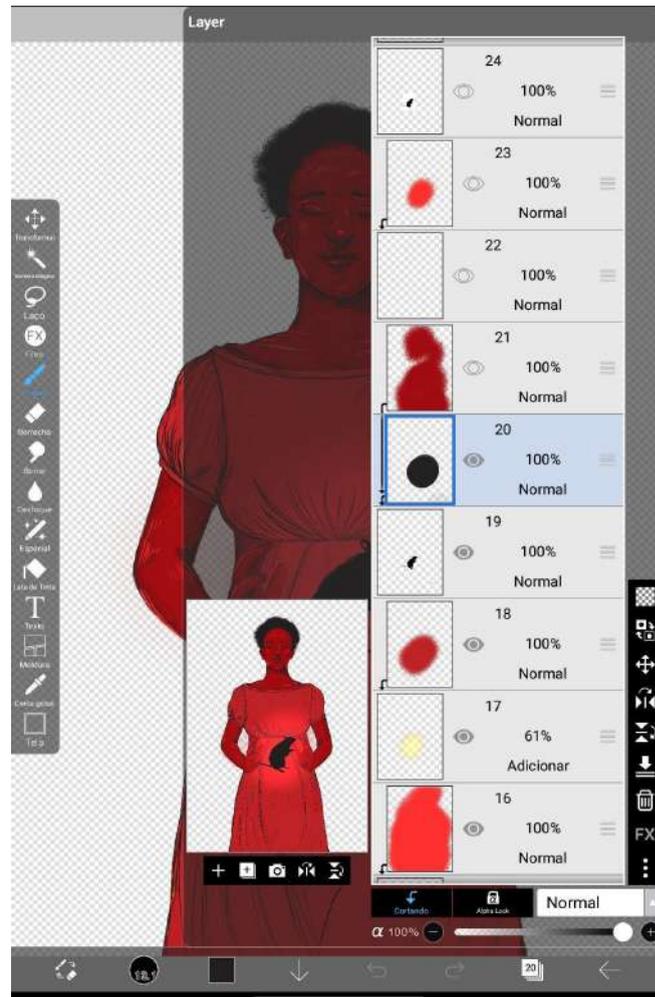
Já para os materiais, os seguintes papéis foram utilizados: para capa, contracapa e lombada foi usado Papelão Horlle (Ele também é conhecido como papelão cinza e é a base das peças em cartonagem. Feito com aparas de papel 100% reciclado) + Couchê Fosco 150g/m² (também usado na guarda); para o miolo, foi escolhido o papel pólen de 80g/m². Com acabamento Capa Dura.

3.6.2 Software de Edição Gráfica e Aplicativos de Ilustrações Utilizados

Para a elaboração do projeto, foram utilizados 2 softwares distintos de edição gráfica e um aplicativo para ilustração.

1- *Ibis Paint X*, é um aplicativo de ilustração digital que foi o suporte utilizado para realização de todas as ilustrações do livro.

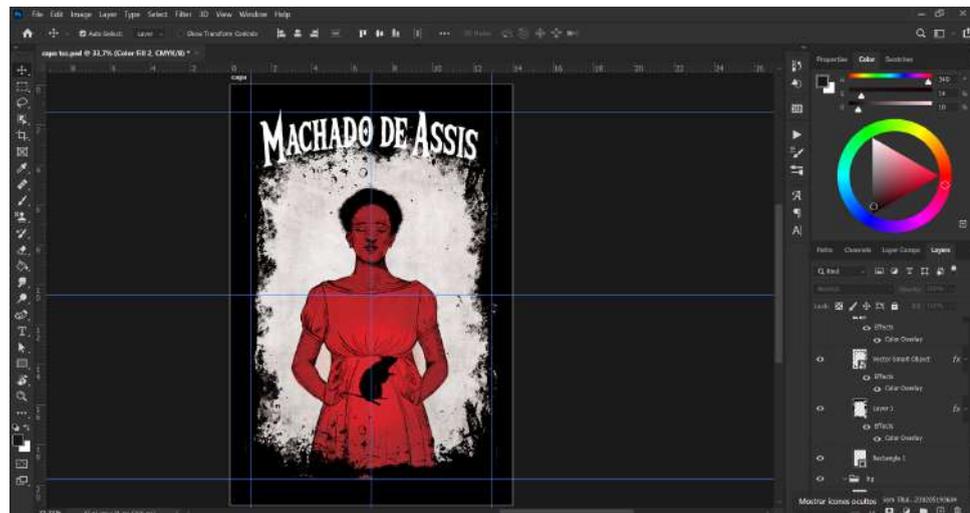
Figura 23 - Tela do *Ibis Paint X*, durante a criação da ilustração central da capa



Fonte: A autora (2023)

2- *Adobe Photoshop*, produção da capa, contracapa, guarda e folhas de rosto. O programa foi utilizado para a montagem dos itens citados acima, assim, as ilustrações eram passadas para ele e lá sintetizava-se a ideia, alterando as cores e juntando as partes.

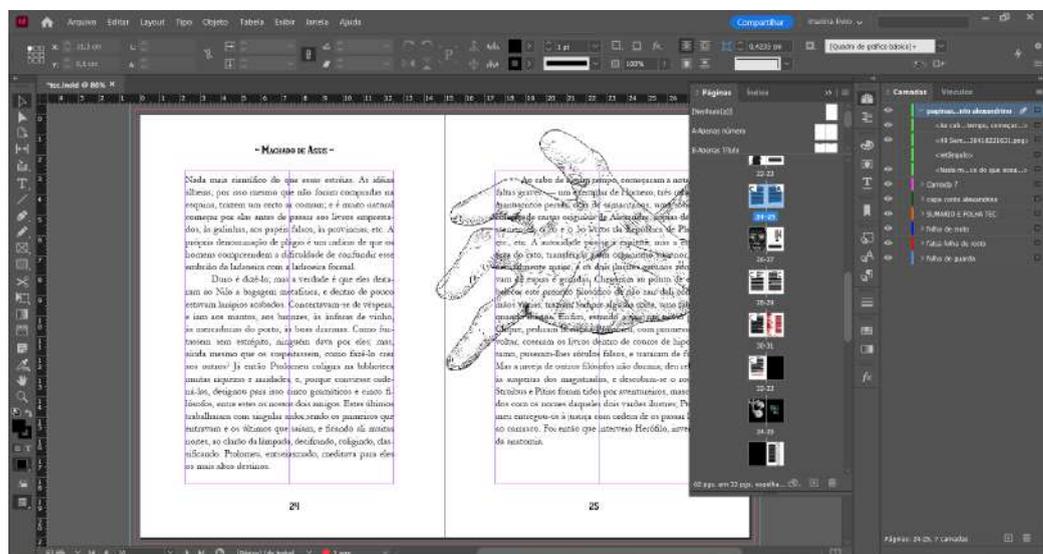
Figura 24 - Tela do Adobe Photoshop, durante a montagem da capa



Fonte: A autora (2023).

3- *Adobe Indesign*, aproveitado para diagramação das páginas, o software mais adequado para essa função, facilitando o processo da produção do miolo.

Figura 25 - Tela do Adobe Indesign, durante a diagramação do miolo

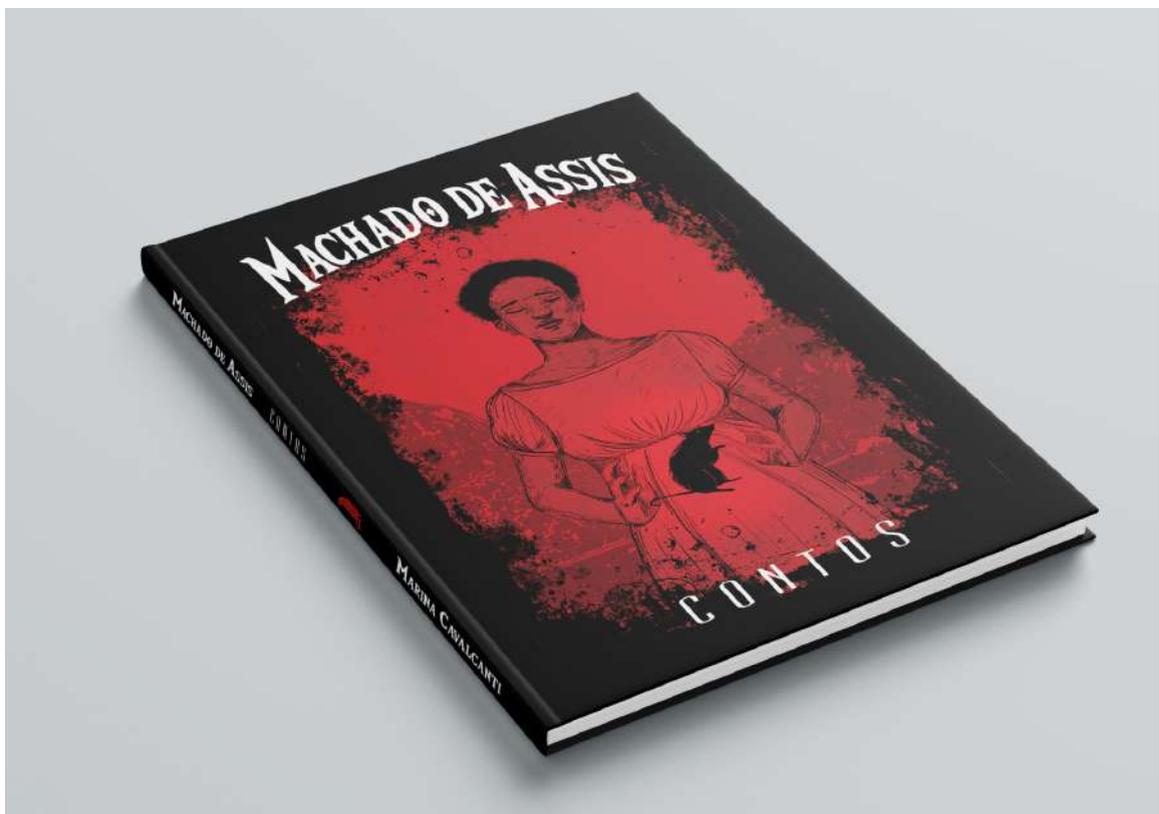


Fonte: A autora (2023).

3.7 PRODUÇÃO DO MODELO

Os modelos criados para visualização foram modelos em 3D. Essa é uma maneira interessante para se visualizar o produto de forma tridimensional, podendo-se conferir como ficariam as proporções dos elementos e posições caso fossem físicos.

Figura 26 - Modelo 3D, livro fechado



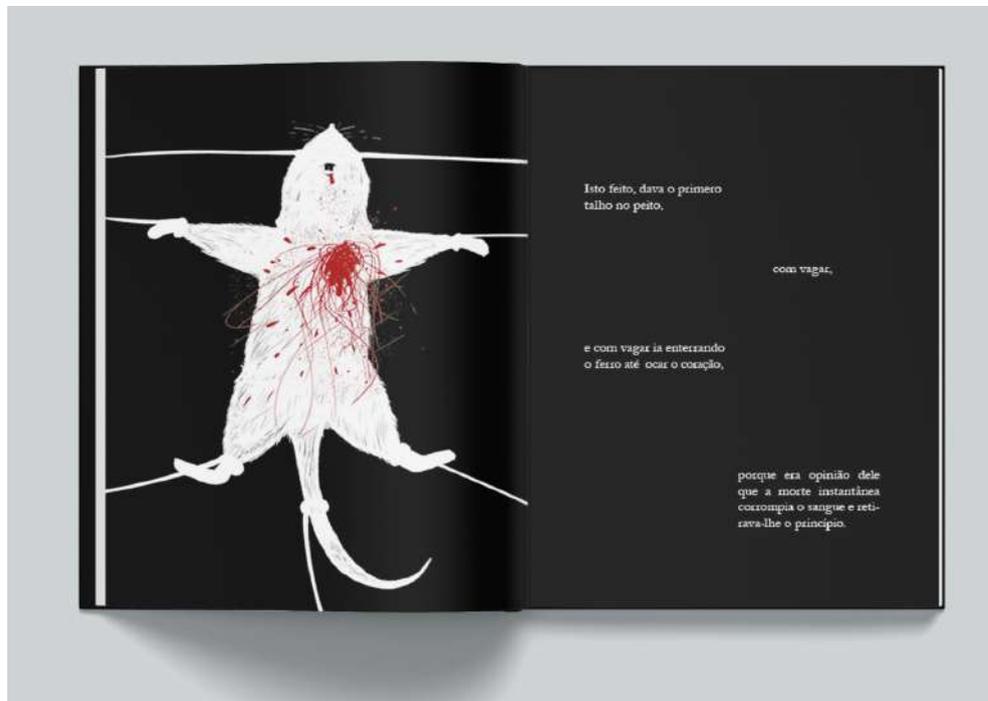
Fonte: A autora (2023).

Figura 27 - Modelo 3D, capa e contracapa



Fonte: A autora (2023).

Figura 28 - Livro aberto



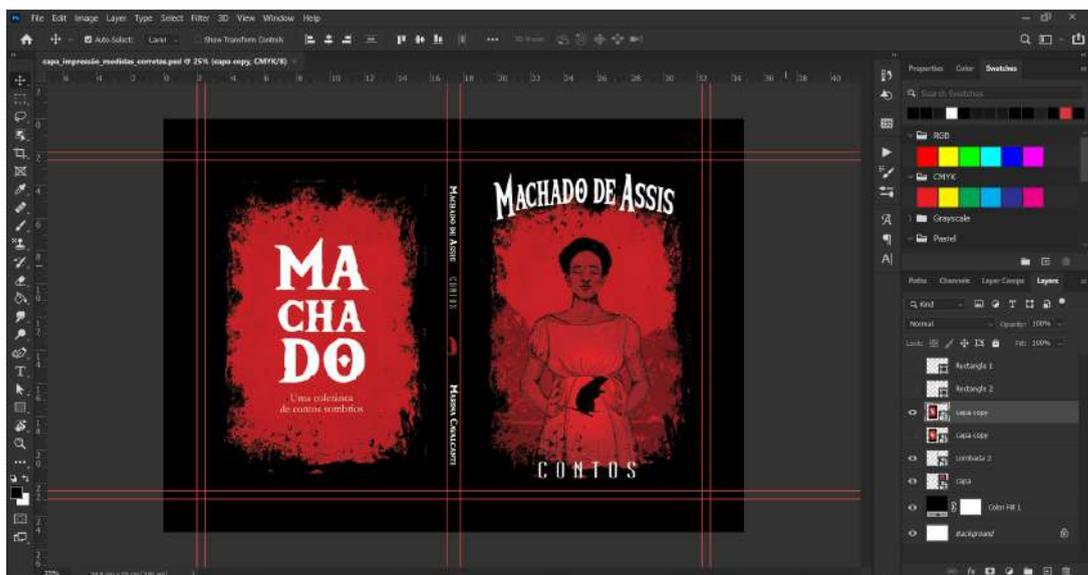
Fonte: A autora (2023).

3.8 DESENHO DE CONSTRUÇÃO

3.8.1 Finalização do livro

Oficialmente adotado como “Machado de Assis, Contos”, o projeto enfim vai para sua finalização, que se deu pela adaptação das produções para os gabaritos disponibilizados pela gráfica especializada, escolhida para a produção física do livro. Deste modo, com os arquivos em formato PDF feitos nas medidas solicitadas, seguiram para a produção.

Figura 29 - Preparação da capa contracapa e lombada para impressão



Fonte: A autora (2023).

3.8.2 Ficha Técnica

Livro:

Autor: Machado de Assis.

Título: Machado de Assis, Contos.

Editora: Marininha.

Ilustradora: Marina Cavalcanti.

Exemplares: 04.

Formato: 15x21.

Encadernação: Capa Dura.

Capa e Contracapa: Papelão Horlle e Papel Couchê Fosco 150g.

Miolo: Pólen 80g/m².

Páginas: 62.

Fonte: Garamond.

Tipo de impressão: Digital.

Local da impressão: Fábrica do Livro - Gráfica Online.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O mundo literário, talvez seja o mais antigo encantador e desbravador da criatividade e imaginação por meio das palavras, livros são janelas para as histórias mais diversas possíveis e muitas vezes são o espelho da nossa sociedade. A literatura brasileira não foge dessa perspectiva, com uma longa trajetória marcada com grandes obras e grandes autores conhecidos mundialmente. Poder ter esse olhar mais atento sobre o valor da nossa literatura, principalmente uma daquelas que é mais deixada de lado como a de terror, foi talvez a maior oportunidade deste trabalho.

Este projeto teve como objetivo, voltar o olhar para essa parte da cultura nacional por meio do design editorial. Esta meta foi considerada atendida já que, por meio do design, pode-se constituir um produto de valor literário e estético como artifício de enriquecer a obra.

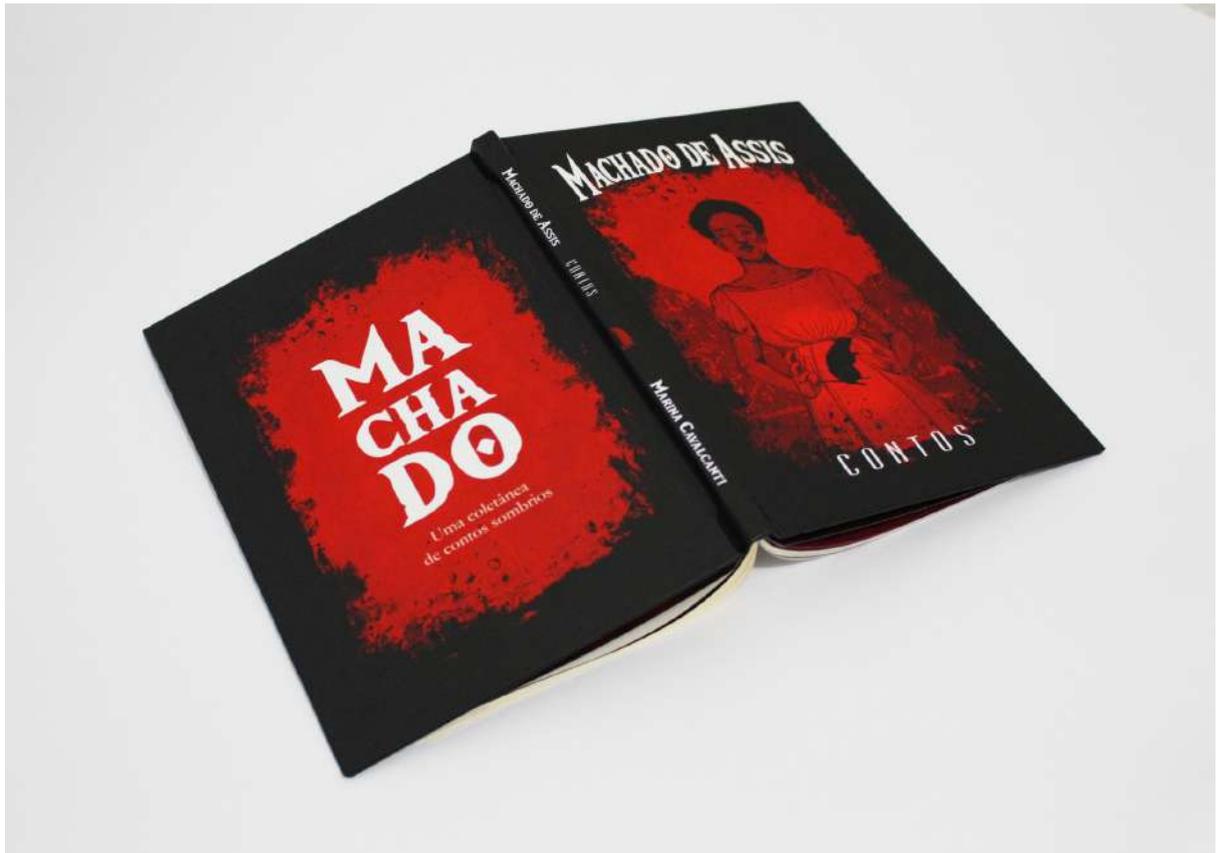
Apesar do desafio de projetar um livro ser totalmente novo para a designer, com obstáculos da necessidade de aprender novos programas, seguir a metodologia de Bruno Munari facilitou o processo de criação, mantendo as etapas organizadas e produtivas, principalmente por ser volátil.

Em todo projeto sempre, começamos com uma pedra bruta, muitas ideias, muitas possibilidades, neste caso não foi diferente. A ideia inicial era criar realmente uma coletânea extensa de contos sombrios do autor, isso foi sendo lapidado até chegar ao formato de um protótipo do que seria o original. As necessidades, dificuldades e o inesperado vão acontecendo no decorrer do projeto, saber driblar isso e propor novas soluções é, muito provavelmente, o verdadeiro trabalho de um designer.

Nessa trajetória de adversidades foi possível chegar neste ponto final. “Machado de Assis, Contos” é um projeto que pretende contribuir para a área do design editorial, espera-se que ele seja útil para demais pesquisadores de design, projetista, artistas ilustradores e que sirva de inspiração para todos aqueles que amam a literatura sombria brasileira e desejam produzir nesse ramo.

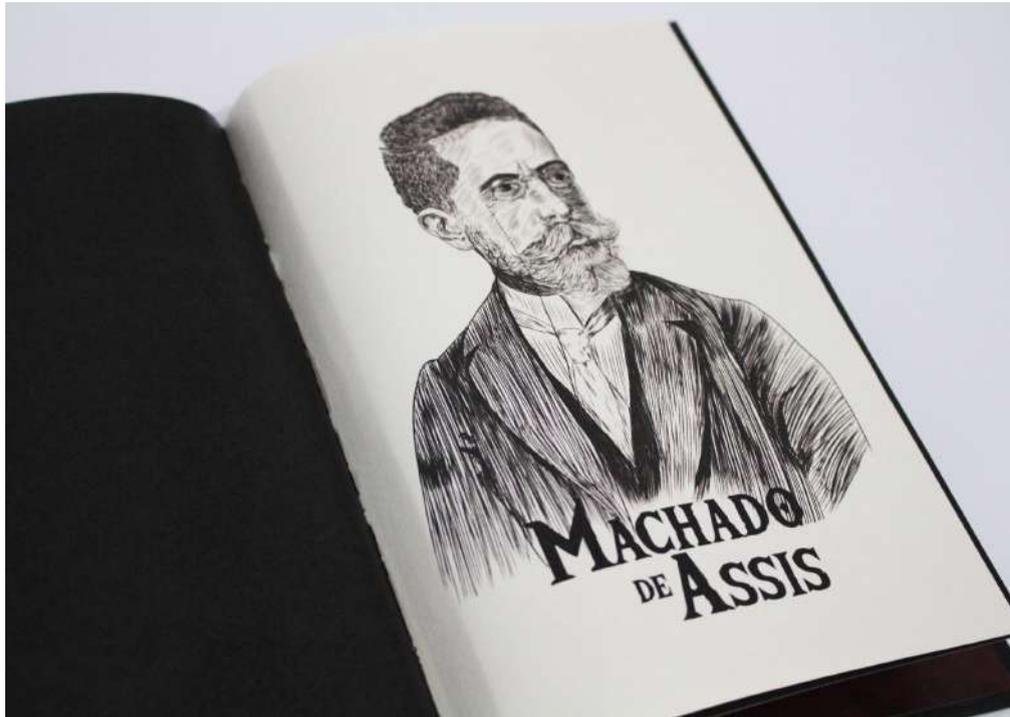
Para ambições futuras para esse trabalho, temos a possibilidade de dar continuidade a esse protótipo e o transformar em uma coletânea completa, e quem sabe, fazer chegar nas livrarias.

Figura 30 - Protótipo físico - capa, contracapa, lombada



Fonte: A autora (2023).

Figura 31 - Protótipo físico - ilustração Machado



Fonte: A autora (2023).

Figura 32 - Protótipo físico - páginas 56 e 57



Fonte: A autora (2023).

Figura 33 - Protótipo físico - páginas 48 e 49



Fonte: A autora (2023).

Figura 34 - Protótipo físico - páginas 26 e 27



Fonte: A autora (2023).

Figura 35 - Protótipo físico - páginas 18 e 19



Fonte: A autora (2023).

Figura 36 - Protótipo físico - páginas 12 e 13



Fonte: A autora (2023).

REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA da literatura de terror. **Editora do Brasil**, 30, out, 2020. Disponível em: <https://www.editoradobrasil.net.br/a-importancia-da-literatura-de-terror/>. Acesso em: 03 ago. 2023.

ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2008.

ASSIS, Machado de. **A Causa Secreta**. 1885. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000262.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

ASSIS, Machado de. **Conto Alexandrino**. 1883. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000202.pdf>. Acesso em: 16 de jun. 2023.

ASSIS, Machado de. **Pai Contra Mãe**. 1906. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>. Acesso em: 09 de jul. 2023.

BAPTISTA, Michele M. **Primeiro livro publicado no Brasil**. Blog do sistema de Bibliotecas da UCS, 2012. Disponível em: <https://snel.org.br/associados/lista-de-associados/>. Acesso em: 7 mar. 2023.

FRAZÃO, Dilva. **Machado de Assis**. Ebiografia, 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/machado_assis/. Acesso em: 25 jun. 2023.

GLEDSON, John (org). **50 Contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOGONI, Ronaldo. **O que é e-book?**. Tecnoblog, 2023. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-e-book/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

HENTZ, Isabel Cristina. **Filhos legítimos da ciência: Os homens de ciência nos contos de Machado de Assis (1870-1884)**. Simpósio Nacional de História da ANPUH, v. 26, 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856592_f63c41f353341e08fef877f8b73882c0.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

HURLBURT, Allen. **Layout: O Design da Página Impressa**. São Paulo: Nobel, 2002.

IMPRESSÃO Régia. **MAPA Arquivo Nacional**, 2021. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/204-impresao-regia>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LISTA de Associados. **Sindicato Nacional de Editores de Livros**, 2023. Disponível em: <https://bibliotecaucs.wordpress.com/2012/10/18/primeiro-livro-publicado-no-brasil/>. Acesso em: 7 mar. 2023.

MACHADO de Assis: vida e obra. **Ministério da Educação**. Brasil. [s.d.] Disponível em: <https://machado.mec.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2023.

MARINHO, Fernando. **Machado de Assis**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/machado-assis.htm#:~:text=Machado%20publicou%20um%20total%20de,e%20mais%20de%20600%20crônicas>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MATOS, Talliandre. **Conto Fantástico**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/conto-fantastico.htm#:~:text=A%20literatura%20fantástica%20se%20caracteriza,paixões%20semelhantes%20às%20das%20pessoas>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NAVEGA, Telio. **Conheça a Darkside, que completa 10 anos e se tornou um fenômeno editorial apostando no terror**. O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/12/darkside-chega-aos-10-anos-tocando-o-terror-no-mercado-editorial-brasileiro.ghtml> . Acesso em: 8 mar. 2023.

NIELS, Karla Menezes Lopes. **Fantástico à brasileira: o gênero fantástico no Brasil**. Anais do V SAPPIL–Estudos de Literatura, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/41094420/FANTÁSTICO_À_BRASILEIRA_O_GÊNERO_FANTÁSTICO_NO_BRASIL . Acesso em: 15 jul. 2023

RÉGIS, Jeová Angelo Laurindo. **Projeto gráfico editorial de um livro de terror**. Orientadora Profa. Mary Vonni Meürer de Lima, Dra. 2017. 92 f. Projeto de Graduação - Curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/182007>. Acesso em 25 maio. 2023.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM O PÚBLICO

Link para o formulário: <https://forms.gle/nYBTi4ppqLVaePp47>



Seção 1 de 6

Protótipo Coletânea de Contos Sombrios Machadianos

Olá, me chamo Marina Cavalcanti, sou estudante da UFPE - campus agreste, do curso de design do sétimo período. Esse formulário faz parte do meu processo de desenvolvimento de TCC. Aqui você vai encontrar a primeira parte do meu projeto e a sua opinião é muito importante para me auxiliar com o resto da produção.

Meu projeto consiste na produção de uma coletânea ilustrada de contos sombrios machadianos, foram selecionados os seguintes contos: Conto Alexandrino; A Causa Secreta e Pai Contra Mãe.

O protótipo disponibilizado contém a capa, contra capa, elementos pré-textuais e o primeiro conto.

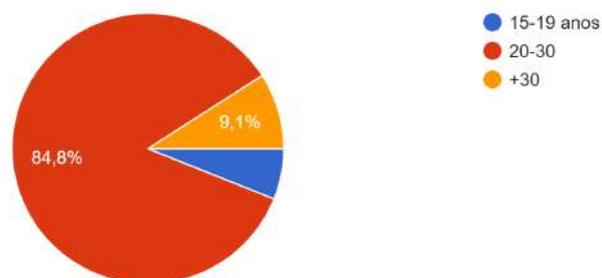
ANTES DE RESPONDER CONFIRA O PROTÓTIPO A BAIXO:

LINK DO PROTÓTIPO: <https://drive.google.com/file/d/1MutHiJ1s9IcFHxztBIAMM8KjGQDt-VdF/view?usp=sharing>

Desde já agradeço a participação e ajuda <3

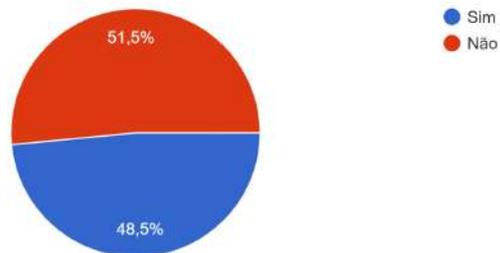
Quantos anos você tem?

33 respostas



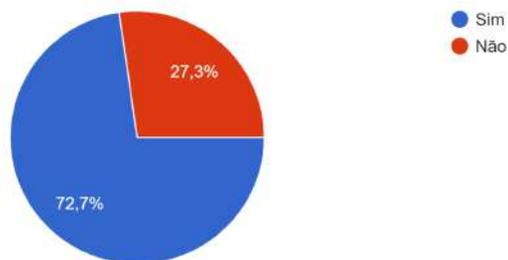
Você tem o costume de ler literatura de terror?

33 respostas



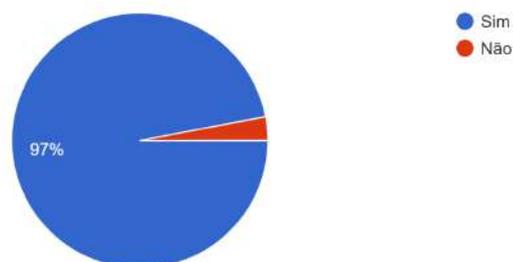
Você tem o costume de consumir outros tipos de mídia de terror como filmes, séries e podcasts?

33 respostas



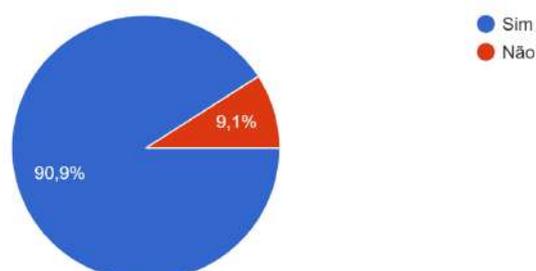
Sua primeira impressão foi positiva?

33 respostas



Sua primeira impressão sobre a capa e contra capa fez você remeter a um livro de terror?

33 respostas



Você acha que as cores passam a ideia de livro de terror?

33 respostas



Se não, diga o motivo

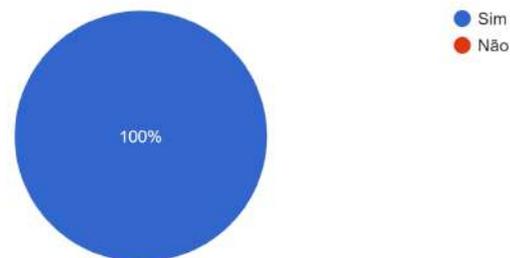
2 respostas

As árvores da capa me dão uma ideia tropical, mas ao mesmo tempo as cores deixam bem exposto que se trata de terror

A paisagem com os coqueiros e a mulher negra com um rato na barriga ficou parecendo livro de história me lembrou uma cultura baiana misturada com carioca, do movimento do Osvaldo Cruz sobre as vacinas.

A ilustração transmite a ideia de algo misterioso e sombrio?

33 respostas



As fontes de texto escolhidas foram adequadas para o tema?

33 respostas



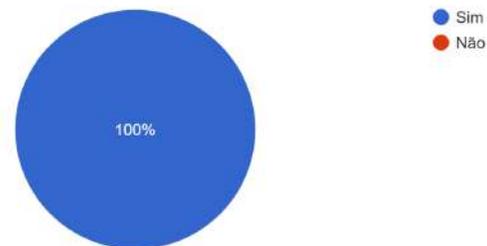
A composição da contra capa está harmônica na sua opinião?

33 respostas



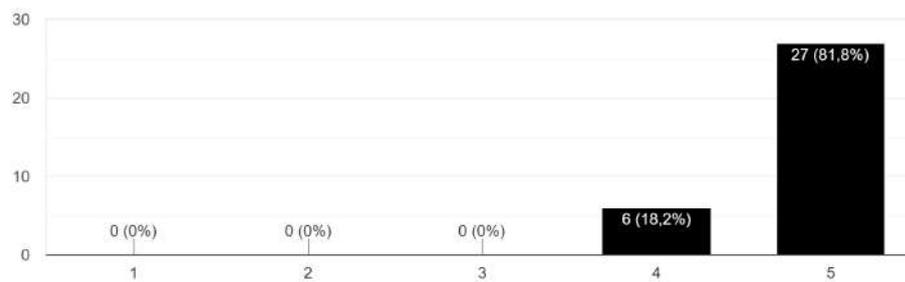
A capa e contra capa despertam em você o desejo de leitura?

33 respostas



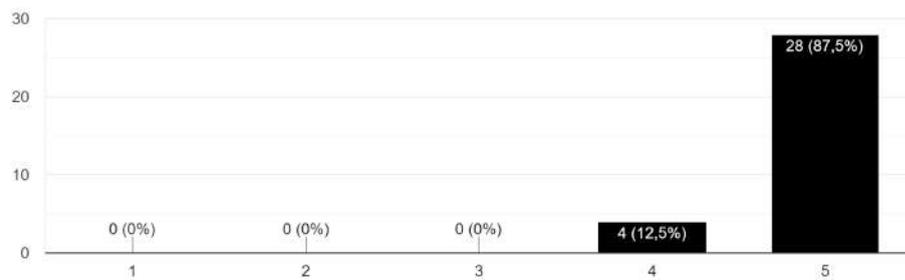
Marque de 1 a 5 sua impressão sobre a capa e contra capa. Sendo 1 não gostei e 5 amei muito

33 respostas



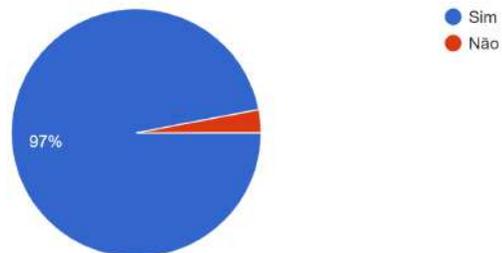
Marque de 1 a 5 sua impressão a folha de guarda. Sendo 1 não gostei e 5 amei muito

32 respostas



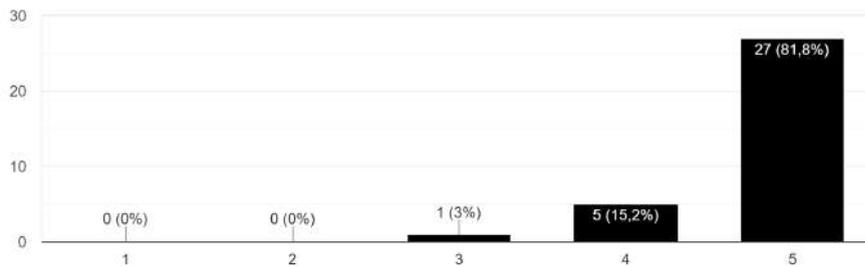
A utilização do azul com o vermelho causou um impacto positivo em você?

33 respostas



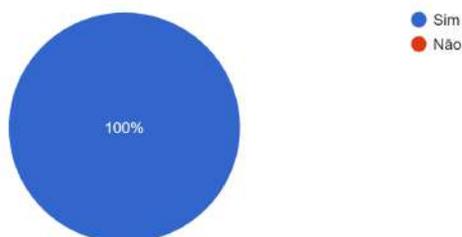
De 1 a 5 marque o quanto você gostou das cores internas. Sendo 1 não gostei e 5 amei muito

33 respostas



As páginas internas estão organizadas e bem elaboradas?

33 respostas



Você gostou da página de abertura do conto?

33 respostas



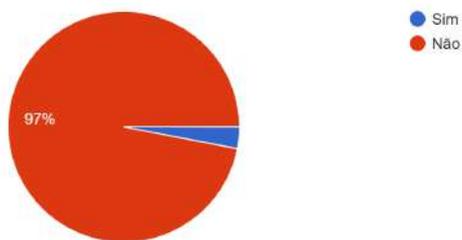
As ilustrações combinam com o texto?

33 respostas



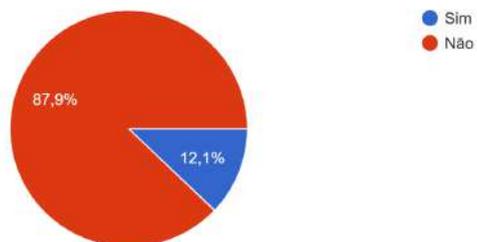
As quebras de texto prejudicam a leitura?

33 respostas



As ilustrações com o texto prejudicam a leitura

33 respostas



Se sim, diga o motivo

2 respostas

Algumas ilustrações por detrás do texto acabam diminuindo a legibilidade

Quando elas estão atrás do texto prejudicam um pouco a legibilidade e na página 37 acho que as manchas de sangue poderiam ser no canto superior ou inferior

A fonte escolhida pro texto combina com o tema?

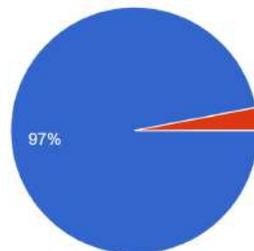
33 respostas



● Sim
● Não

O tamanho e espaçamento do texto estão adequados?

33 respostas



● Sim
● Não

Se não, diga o motivo

1 resposta

A página 15 e alguns trechos na 16 parecem estar com uma fonte maior e esta parece ser mais legível

A fonte escolhida para o texto é de boa leitura?

33 respostas



● Sim
● Não

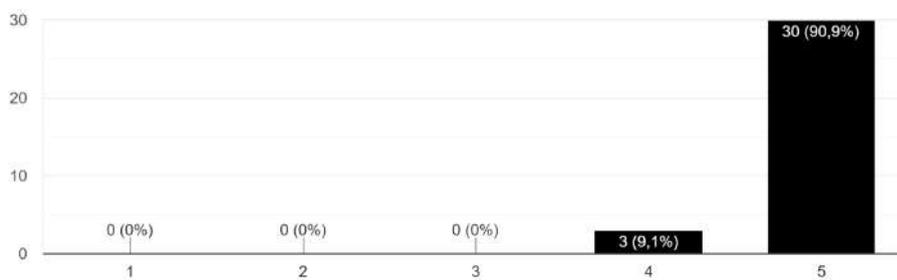
As margem das páginas estão adequadas?

33 respostas



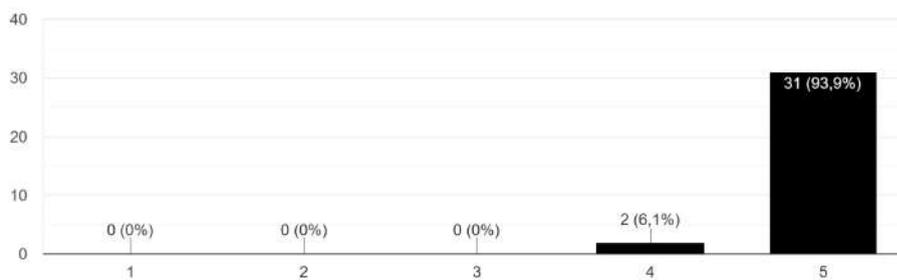
De 1 a 5 marque o quanto gostou da elaboração gráfica do conto. Sendo 1 não gostei e 5 amei muito.

33 respostas

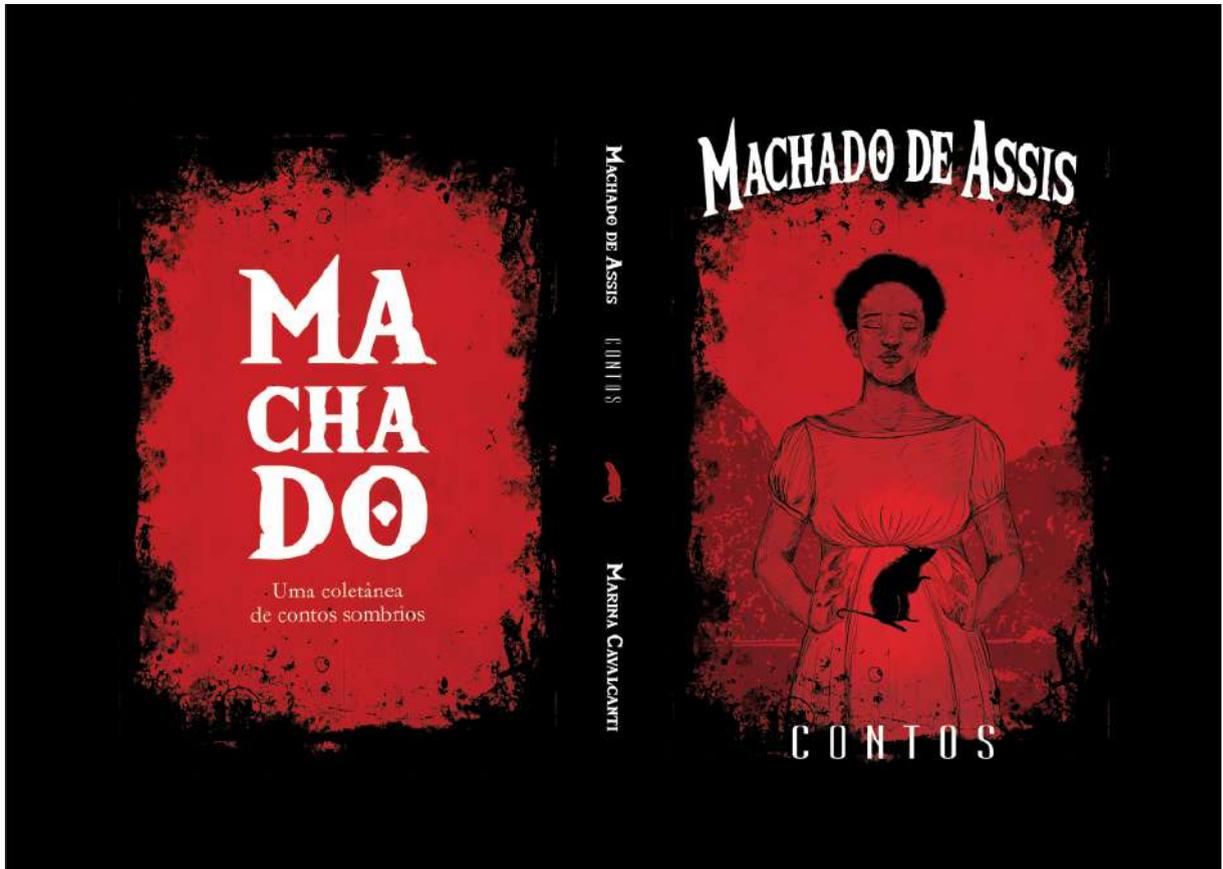


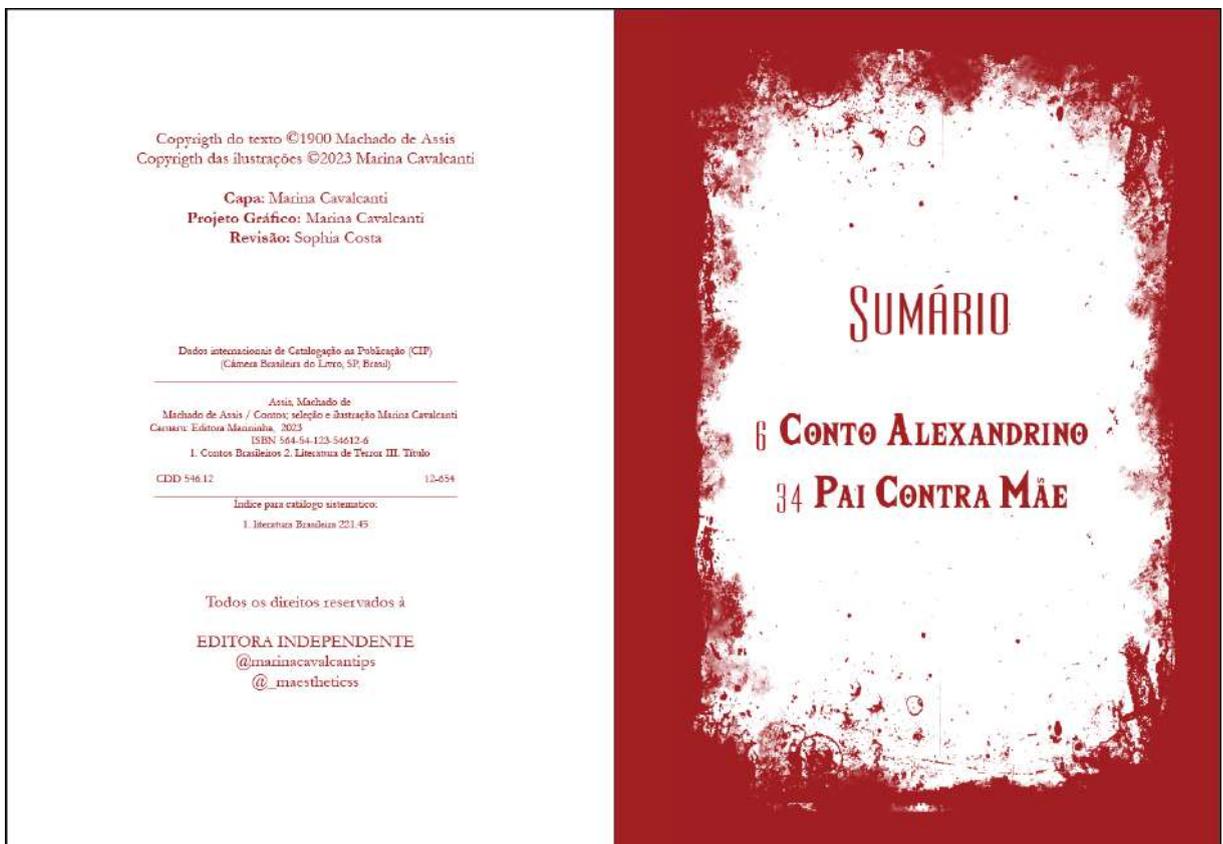
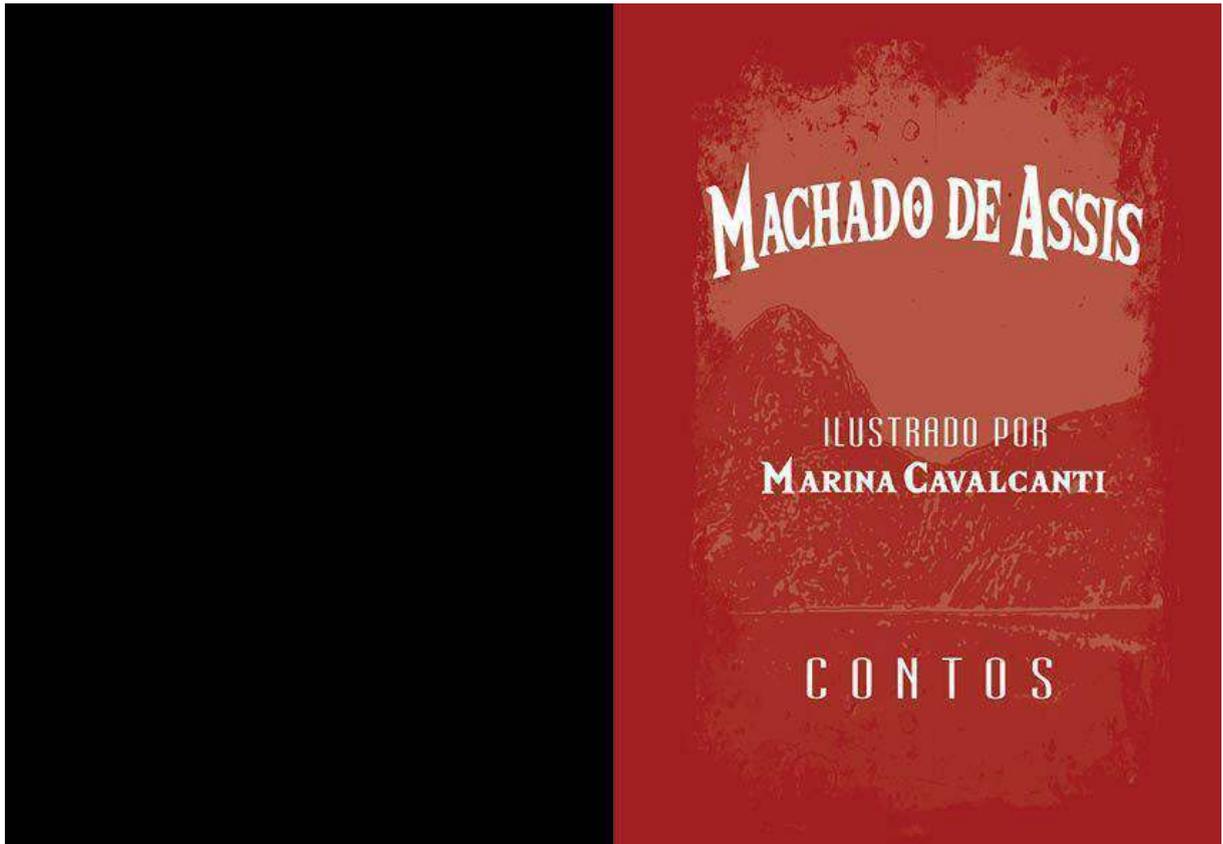
Marque o quão interessado você ficou para conferir o resto do projeto. Sendo 1 nem um pouco e 5 muito mesmo.

33 respostas



APÊNDICE B – O LIVRO COMPLETO





Copyright do texto ©1900 Machado de Assis
Copyright das ilustrações ©2023 Marina Cavalcanti

Capa: Marina Cavalcanti
Projeto Gráfico: Marina Cavalcanti
Revisão: Sophia Costa

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

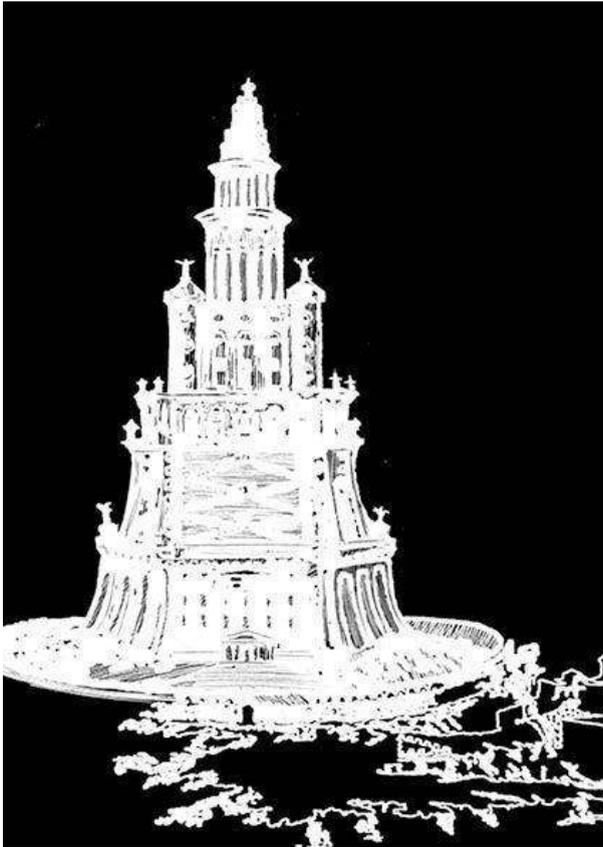
Assis, Machado de
Machado de Assis / Contos; seleção e ilustração Marina Cavalcanti
Caernari: Editora Maquinista, 2023.
ISBN 544-54-123-5-612-6
1. Contos Brasileiros 2. Literatura de Terror III. Título

CDD 546.12 12-654

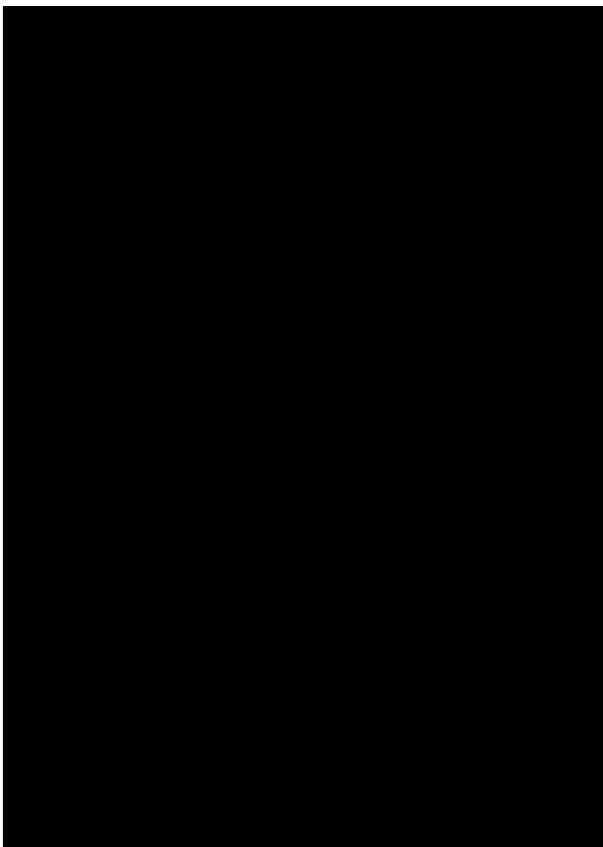
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira 221.45

Todos os direitos reservados à

EDITORA INDEPENDENTE
@marinascavalcanti
@_maesthetics



CONTO ALEXANDRINO



— O quê, meu caro Stroibus! Não, impossível. Nunca jamais ninguém acreditará que o sangue de rato, dado a beber a um homem, possa fazer do homem um ratoneiro.

— Em primeiro lugar, Pítias, tu omites uma condição: — é que o rato deve expirar debaixo do escalpelo, para que o sangue traga o seu princípio. Essa condição é essencial. Em segundo lugar, uma vez que me apontas o exemplo do rato, fica sabendo que já fiz com ele uma experiência, e cheguei a produzir um ladrão...

— Ladrão autêntico?

— Levou-me o manto, ao cabo de trinta dias,

NO MAR

01



- MACHADO DE ASSIS -

mas deixou-me a maior alegria do mundo: — a realidade da minha doutrina. Que perdi eu? um pouco de tecido grosso; e que lucrô o universo? a verdade imortal. Sim, meu caro Pítias, esta é a eterna verdade. Os elementos constitutivos do ratoneiro estão no sangue do rato, os do paciente no boi, os do arrojado na água...

— Os do sábio na coruja, interrompeu Pítias sorrindo.

— Não; a coruja é apenas um emblema; mas a aranha, se pudéssemos transferi-la a um homem, daria a esse homem os rudimentos da geometria e o sentimento musical. Com um bando de cegonhas, andorinhas ou grou, faço-te de um caseiro um viajero. O princípio da fidelidade conjugal está no sangue da rola, o da enfatuação no dos pavões... Em suma, os deuses puseram nos bichos da terra, da água e do ar a essência de todos os sentimentos e capacidades humanas. Os animais são as letras soltas do alfabeto, o homem é a sintaxe. Esta é a minha filosofia recente; esta é a que vou divulgar na corte do grande Ptolomeu.

Pítias sacudiu a cabeça, e fixou os olhos no mar. O navio singrava, em direitura a Alexandria, com essa carga preciosa de dois filósofos, que iam levar àquele regaço do saber os frutos da razão esclarecida. Eram amigos, viúvos e quinquagenários. Cultivavam espe-

10

- CONTO ALEXANDRINO -

cialmente a metafísica, mas conheciam a física, a química, a medicina e a música; um deles, Strobilus, chegara a ser excelente anatomista, tendo lido muitas vezes os tratados do mestre Herófilo. Chipre era a pátria de ambos; mas, tão certo é que ninguém é profeta em sua terra, Chipre não dava o merecido respeito aos dois filósofos. Ao contrário, desdenhava-os; os garotos tocavam ao extremo de rir deles. Não foi esse, entretanto, o motivo que os levou a deixar a pátria. Um dia, Pítias, voltando de uma viagem, propôs ao amigo irem para Alexandria, onde as artes e as ciências eram grandemente honradas. Strobilus aderiu, e embarcaram. Só agora, depois de embarcados, é que o inventor da nova doutrina expô-la ao amigo, com todas as suas recentes cogitações e experiências.

— Está feito, disse Pítias, levantando a cabeça, não afirmo nem nego nada. Vou estudar a doutrina, e se a achar verdadeira, proponho-me a desenvolvê-la e divulgá-la.

— Viva Hélios! exclamou Strobilus. Posso contar que és meu discípulo.

11



02
EXPERIÊNCIA

Os garotos alexandrinos não trataram os dois sábios com o escárnio dos garotos cipriotas. A terra era grave como a íbis pousada numa só pata, pensativa como a esfinge, circunspecta como as múmias, dura

- MACHADO DE ASSIS -

como as pirâmides; não tinha tempo nem maneira de rir. Cidade e corte, que desde muito tinham notícia dos nossos dois amigos, fizeram-lhes um recebimento régio, mostraram conhecer os seus escritos, discutiram as suas idéias, mandaram-lhes muitos presentes, papiros, crocodilos, zebras, púrpuras. Eles, porém, recusaram tudo, com simplicidade, dizendo que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente. Tão nobre resposta encheu de admiração tanto aos sábios como aos principais e à mesma plebe. E aliás, diziam os mais sagazes, que outra coisa se podia esperar de dois homens tão sublimes, que em seus magníficos tratados...

— Temos coisa melhor do que esses tratados, interrompia Stroibus. Trago uma doutrina, que, em pouco, vai dominar o universo; cuído nada menos que em reconstituir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes.

— Não é esse o ofício dos deuses? objetava um.

— Eu violei o segredo dos deuses, acudia Stroibus. O homem é a sintaxe da natureza, eu descobri as leis da gramática divina...

— Explica-te.

— Mais tarde; deixa-me experimentar primeiro.

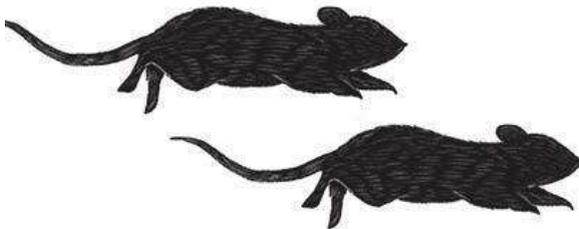
14

recuarás de semelhante doutrina, e tornarás às nossas velhas meditações.

Stroibus aceitou a proposta.

— O meu sacrifício é o mais penoso, disse ele, pois estou certo do resultado; mas que não merece a verdade? A verdade é imortal; o homem é um breve momento...

Os ratos egípcios, se pudessem saber de um tal acordo, teriam imitado os primitivos hebreus, aceitando a fuga para o deserto, antes do que a nova filosofia. E podemos crer que seria um desastre. A ciência, como a guerra, tem necessidades imperiosas; e desde que a ignorância dos ratos, a sua fraqueza, a superioridade mental e física dos dois filósofos eram outras tantas vantagens na experiência que ia começar, cumpria não perder tão boa ocasião de saber se efetivamente o princípio das paixões e das virtudes humanas estava distribuído pelas várias espécies de animais, e se era possível transmiti-lo.



- CONTO ALEXANDRINO -

Quando minha doutrina estiver completa, divulgá-la-ei como a maior riqueza que os homens jamais poderão receber de um homem.

Imaginem a expectativa pública e a curiosidade dos outros filósofos, embora incrédulos de que a verdade recente viesse aposentar as que eles mesmos possuíam. Entretanto, esperavam todos. Os dois hóspedes eram apontados na rua até pelas crianças. Um filho meditava trocar a avareza do pai, um pai a prodigalidade do filho, uma dama a frieza de um varão, um varão os desvarios de uma dama, porque o Egito, desde os Faraós até aos Lágides, era a terra de Putifar, da mulher de Putifar, da capa de José, e do resto. Stroibus tornou-se a esperança da cidade e do mundo.

Pítias, tendo estudado a doutrina, foi ter com Stroibus, e disse-lhe:

— Metafisicamente, a tua doutrina é um despropósito; mas estou pronto a admitir uma experiência, contando que seja decisiva. Para isto, meu caro Stroibus, há só um meio. Tu e eu, tanto pelo cultivo de razão como pela rigidez do caráter, somos o que há mais oposto ao vício do furto. Pois bem, se conseguires inculcar-nos esse vício, não será preciso mais; se não conseguires nada (e pode crê-lo, porque é um absurdo)

15

- CONTO ALEXANDRINO -

Stroibus engaiolava os ratos; depois, um a um, ia-os sujeitando ao ferro.



Primeiro, atava uma tira de pano no focinho do paciente;

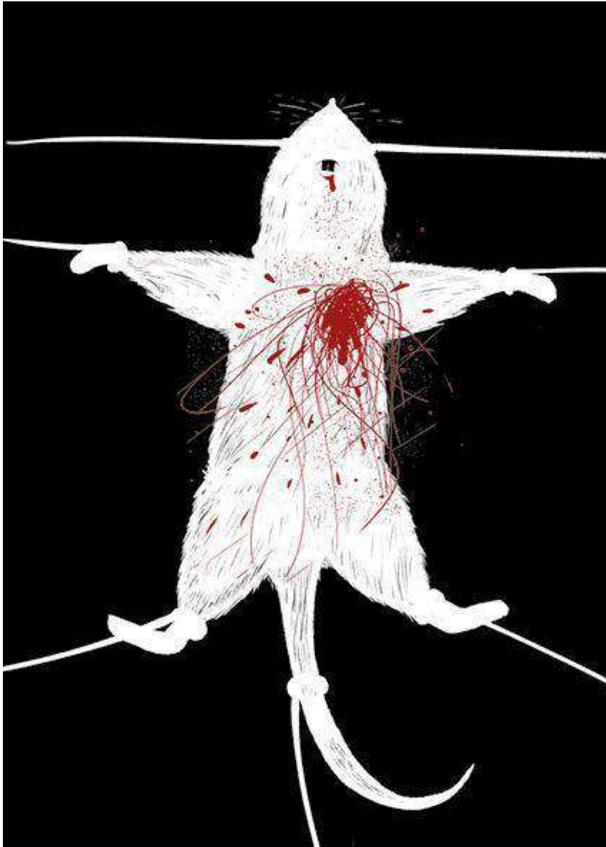


em seguida, os pés,

finalmente, cingia com um cordel as pernas e o pescoço do animal à tábua da operação.



17



Isto feito, dava o primeiro
talho no peito,

com vagar,

e com vagar ia enterrando
o ferro até ocar o coração,

porque era opinião dele
que a morte instantânea
corrompia o sangue e reti-
rava-lhe o princípio.

- MACHADO DE ASSIS -

Hábil anatomista, operava com uma firmeza digna do propósito científico. Outro, menos destro, interromperia muita vez a tarefa, porque as contorções de dor e de agonia tornavam difícil o meneio do escalpelo; mas essa era justamente a superioridade de Stroibus: tinha o pulso magistral e prático.

Ao lado dele, Pítias apazava o sangue e ajudava a obra, já contendo os movimentos convulsivos do paciente, já espiando-lhe nos olhos o progresso da agonia. As observações que ambos faziam eram notadas em folhas de papiro; e assim ganhava a ciência de duas maneiras. As vezes, por divergência de apreciação, eram obrigados a escalar maior número de ratos do que o necessário; mas não perdiam com isso, porque o sangue dos excedentes era conservado e ingerido depois. Um só desses casos mostrará a consciência com que eles procediam. Pítias observara que a retina do rato agonizante mudava de cor até chegar ao azul claro, ao passo que a observação de Stroibus dava a cor de canela como o tom final da morte. Estavam na última operação do dia; mas o ponto valia a pena, e, não obstante o cansaço, fizeram sucessivamente dezenove experiências sem resultado definitivo; Pítias insistia pela cor azul, e Stroibus pela cor de canela. O vigésimo rato esteve

- CONTO ALEXANDRINO -

prestes a pô-los de acordo, mas Stroibus advertiu, com muita sagacidade, que a sua posição era agora diferente, retificou-a e escarpelaram mais vinte e cinco. Destes, o primeiro ainda deixou em dívida; mas os outros vinte e quatro provaram-lhes que a cor final não era canela nem azul, mas um lírio roxo, tirando a claro.

A descrição exagerada das experimentações deu rebate à porção sentimental da cidade, e excitou a loquência de alguns sofistas; mas o grave Stroibus (com brandura, para não agravar uma disposição própria da alma humana) respondeu que a verdade valia todos os ratos do universo, e não só os ratos, como os pavões, as cabras, os cães, os rouxinóis, etc.; que, em relação aos ratos, além de ganhar a ciência, ganhava a cidade, vendo diminuída a praga de um animal tão daninho; e, se a mesma consideração não se dava com outros animais, como, por exemplo, as rolas e os cães, que eles iam escarpelar daí a tempos, nem por isso os direitos da verdade eram menos imprescritíveis. A natureza não há de ser só a mesa de jantar, concluía em forma de aforismo, mas também a mesa da ciência. E continuavam a extrair o sangue e a bebê-lo. Não o bebiam puro, mas diluído em um cozimento de cinamomo, suco de acácia e bálsamo, que lhe tirava todo o sabor primitivo. As

— MACHADO DE ASSIS —

doses eram diárias e diminutas; tinham, portanto, de aguardar um longo prazo antes de produzido o efeito. Pítias, impaciente e incrédulo, mofava do amigo.

— Então? nada?

— Espera, dizia o outro, espera. Não se incute um vício como se cose um par de sandálias.



— MACHADO DE ASSIS —

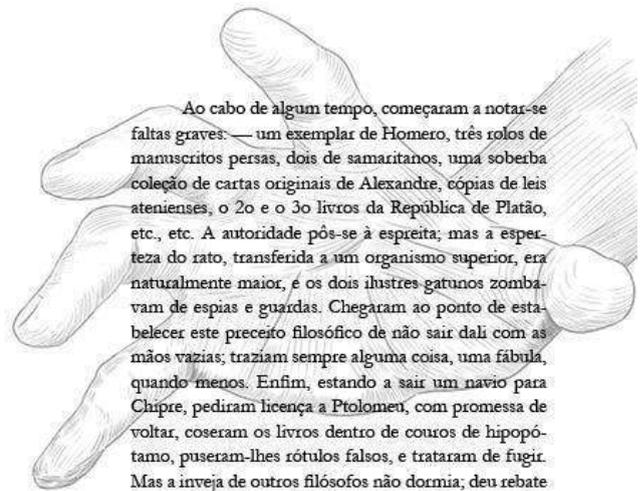
Nada mais científico do que essas estréias. As idéias alheias, por isso mesmo que não foram compradas na esquina, trazem um certo ar comum; e é muito natural começar por elas antes de passar aos livros emprestados, às galinhas, aos papéis falsos, às províncias, etc. A própria denominação de plágio é um indicio de que os homens compreendem a dificuldade de confundir esse embrião da ladroeira com a ladroeira formal.

Duro é dizê-lo; mas a verdade é que eles deitaram ao Nilo a bagagem metafísica, e dentro de pouco estavam larápios acabados. Concertavam-se de véspera, e iam aos mantos, aos bronzes, às ânforas de vinho, às mercadorias do porto, às boas dracmas. Como furtassem sem estrépito, ninguém dava por eles; mas, ainda mesmo que os suspeitassem, como fazê-lo crer aos outros? Já então Ptolomeu coligira na biblioteca muitas riquezas e raridades; e, porque conviesse ordená-las, designou para isso cinco gramáticos e cinco filósofos, entre estes os nossos dois amigos. Estes últimos trabalharam com singular ardor, sendo os primeiros que entravam e os últimos que saíam, e ficando ali muitas noites, ao clarão da lâmpada, decifrando, coligindo, classificando. Ptolomeu, entusiasmado, meditava para eles os mais altos destinos.

03

VITÓRIA

Enfim, venceu Stroibus! A experiência provou a doutrina. E Pítias foi o primeiro que deu mostras da realidade do efeito, atribuindo-se umas três idéias ouvidas ao próprio Stroibus; este, em compensação, furtou-lhe quatro comparações e uma teoria dos ventos.



Ao cabo de algum tempo, começaram a notar-se faltas graves: — um exemplar de Homero, três rolos de manuscritos persas, dois de samaritanos, uma soberba coleção de cartas originais de Alexandre, cópias de leis atenienses, o 2o e o 3o livros da República de Platão, etc., etc. A autoridade pôs-se à espreita; mas a espreiteza do rato, transferida a um organismo superior, era naturalmente maior, e os dois ilustres gatunos zombavam de espias e guardas. Chegaram ao ponto de estabelecer este preceito filosófico de não sair dali com as mãos vazias; traziam sempre alguma coisa, uma fábula, quando menos. Enfim, estando a sair um navio para Chipre, pediram licença a Ptolomeu, com promessa de voltar, coseram os livros dentro de couros de hipopótamo, puseram-lhes rótulos falsos, e trataram de fugir. Mas a inveja de outros filósofos não dormia; deu rebate às suspeitas dos magistrados, e descobriu-se o roubo. Stroibus e Pítias foram tidos por aventureiros, mascarados com os nomes daqueles dois varões ilustres; Ptolomeu entregou-os à justiça com ordem de os passar logo ao carrasco. Foi então que interveio Herófilo, inventor da anatomia.



04

VITÓRIA

— Senhor, disse ele a Ptolomeu, tenho-me limitado até agora escarpelar cadáveres. Mas o cadáver dá-me a estrutura, não me dá a vida; dá-me os órgãos, não me dá as funções. Eu preciso das funções e da vida.

— MACHADO DE ASSIS —

— Que me dizes? redarguiu Ptolomeu. Queres estripar os ratos de Stroibus?

— Não, senhor, não quero estripar os ratos.

— Os cães? os gansos? as lebres?...

— Nada; peço alguns homens vivos.

— Vivos? não é possível...

— Vou demonstrar que não só é possível, mas até legítimo e necessário. As prisões egípcias estão cheias de criminosos, e os criminosos ocupam, na escala humana, um grau muito inferior. Já não são cidadãos, nem mesmo se podem dizer homens, porque a razão e a virtude, que são os dois principais característicos humanos, eles os perderam, infringindo a lei e a moral. Além disso, uma vez que têm de expiar com a morte os seus crimes, não é justo que prestem algum serviço à verdade e à ciência? A verdade é imortal; ela vale não só todos os ratos, como todos os delinquentes do universo.

Ptolomeu achou o raciocínio exato, e ordenou que os criminosos fossem entregues a Herófilo e seus discípulos. O grande anatomista agradeceu tão insigne obséquio, e começou a escarpelar os réus. Grande foi o assombro do povo; mas, salvo alguns pedidos verbais, não houve nenhuma manifestação contra a medida. Herófilo repetia o que dissera a Ptolomeu, acrescen-

— CONTO ALEXANDRINO —

tando que a sujeição dos réus à experiência anatómica era até um modo indireto de servir à moral, visto que o terror do escarpelo impedia a prática de muitos crimes.

Nenhum dos criminosos, ao deixar a prisão, suspeitava o destino científico que o esperava. Saíam um por um; às vezes dois a dois, ou três a três. Muitos deles, estendidos e atados à mesa da operação, não chegavam a desconfiar nada; imaginavam que era um novo género de execução sumária. Só quando os anatomistas definiam o objeto do estudo do dia, alçavam os ferros e davam os primeiros talhos, é que os desgraçados adquiriam a consciência da situação. Os que se lembravam de ter visto as experiências dos ratos, padeciam em dobro, porque a imaginação juntava à dor presente o espetáculo passado.

Para conciliar os interesses da ciência com os impulsos da piedade, os réus não eram escarpelados à vista uns dos outros, mas sucessivamente. Quando vinham aos dois ou aos três, não ficavam em lugar donde os que esperavam pudessem ouvir os gritos do paciente, embora os gritos fossem muitas vezes abafados por meio de aparelhos; mas se eram abafados, não eram suprimidos, e em certos casos, o próprio objeto da experiência exigia que a emissão da voz fosse franca. Às vezes

— MACHADO DE ASSIS —

as operações eram simultâneas; mas então faziam-se em lugares distanciados.

Tinham sido escalpelados cerca de cinquenta réus, quando chegou a vez de Stroiibus e Pítias. Vieram buscá-los; eles supuseram que era para a morte judiciária, e encomendaram-se aos deuses. De caminho, furtaram uns figos, e explicaram o caso alegando que era um impulso da fome; adiante, porém, subtraíram uma flauta, e essa outra ação não a puderam explicar satisfatoriamente. Todavia, a astúcia do larápio é infinita, e Stroiibus, para justificar a ação, tentou extrair algumas notas do instrumento, enchendo de compaixão as pessoas que os viam passar, e não ignoravam a sorte que iam ter. A notícia desses dois novos delitos foi narrada por Herófilo, e abalou a todos os seus discípulos.

— Realmente, disse o mestre, é um caso extraordinário, um caso lindíssimo. Antes do principal, examinemos aqui o outro ponto...

O ponto era saber se o nervo do latrocínio residia na palma da mão ou na extremidade dos dedos; problema esse sugerido por um dos discípulos. Stroiibus foi o primeiro sujeito à operação. Compreendeu tudo, desde que entrou na sala; e, como a natureza humana tem uma parte ínfima, pediu-lhes humildemente que

30

— MACHADO DE ASSIS —

rasgadas e minuciosamente examinadas. Os infelizes berravam, choravam, suplicavam; mas Herófilo dizia-lhes pacificamente que a obrigação do filósofo era servir à filosofia, e que para os fins da ciência, eles valiam ainda mais que os ratos, pois era melhor concluir do homem para o homem, e não do rato para o homem. E continuou a rasgá-los fibra por fibra, durante oito dias. No terceiro dia arrancaram-lhes os olhos, para desmentir praticamente uma teoria sobre a conformação interior do órgão. Não falo da extração do estômago de ambos, por se tratar de problemas relativamente secundários, e em todo caso estudados e resolvidos em cinco ou seis indivíduos escalpelados antes deles.

Diziam os alexandrinus que os ratos celebraram esse caso afitivo e doloroso com danças e festas, a que convidaram alguns cães, rolas, parões e outros animais ameaçados de igual destino, e outrossim, que nenhum dos convidados aceitou o convite, por sugestão de um cachorro, que lhes disse melancolicamente:

— “Século virá em que a mesma coisa nos aconteça”.

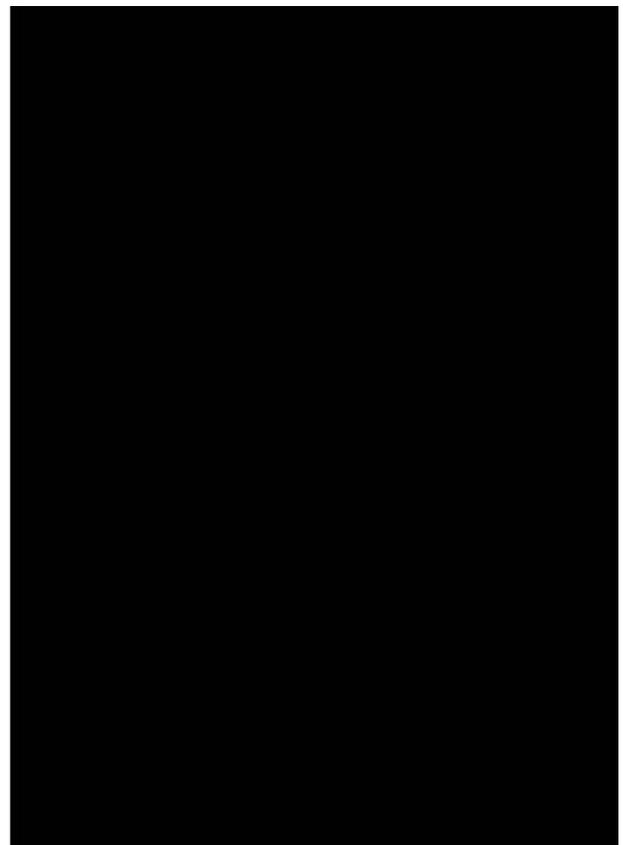
Ao que retorquiu um rato: “Mas até lá, riamos!”

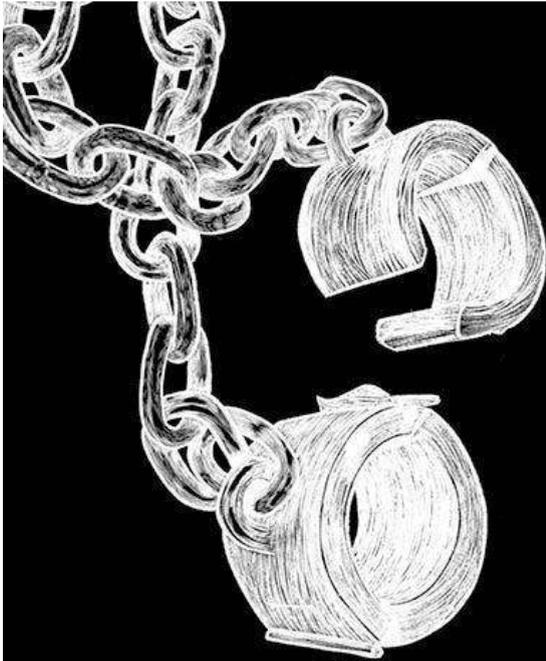
32



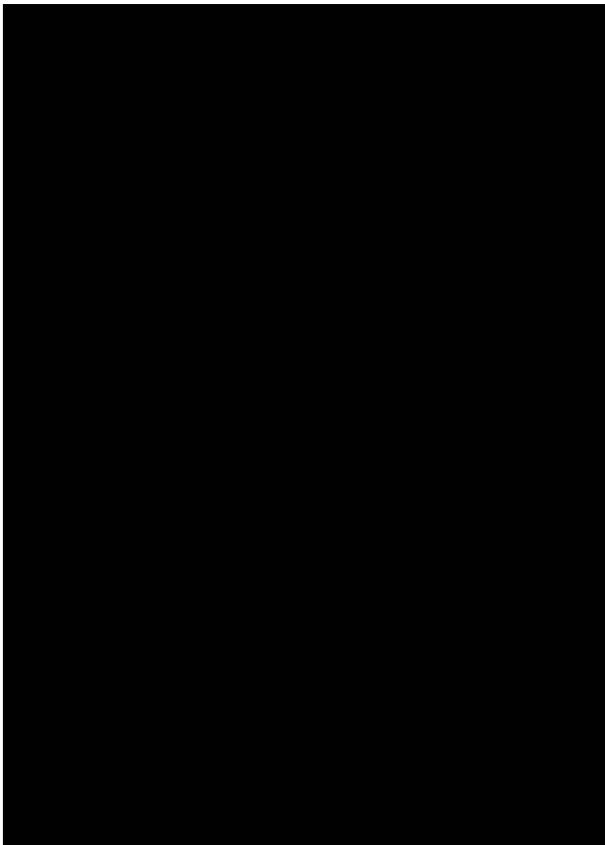
poupassem a vida a um filósofo. Mas Herófilo, com um grande poder de dialética, disse-lhe mais ou menos isto: — Ou és um aventureiro ou o verdadeiro Stroiibus; no primeiro caso, tens aqui o único meio para resgatar o crime de ihudir a um príncipe esclarecido, presta-te ao escalpelo; no segundo caso, não deves ignorar que a obrigação do filósofo é servir à filosofia, e que o corpo é nada em comparação com o entendimento.

Dito isto, começaram pela experiência das mãos, que produziu ótimos resultados, coligidos em livros, que se perderam com a queda dos Ptolomeus. Também as mãos de Pítias foram

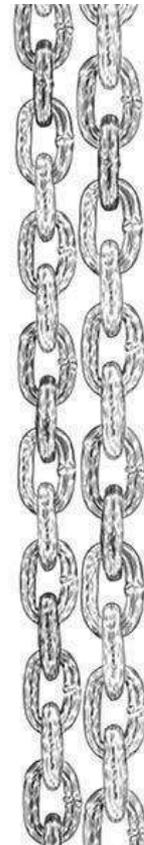




PAI CONTRA MÃE



A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-deflândres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobrie-



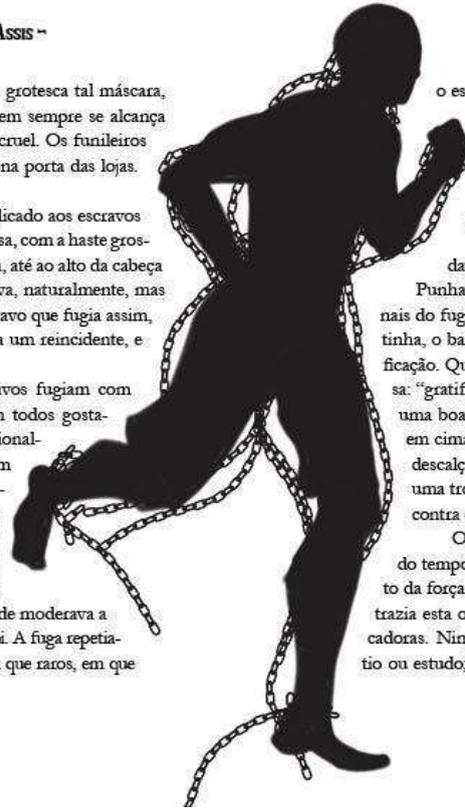
- MACHADO DE ASSIS -

dade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que

38



- PAI CONTRA MÃE -

o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse alguém, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse.

Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente”, — ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por se instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega,

39

- MACHADO DE ASSIS -

a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, — em família, Candinho, — é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armazém. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias

40

- PAI CONTRA MÃE -

tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi — para lembrar o primeiro ofício do

41

- MACHADO DE ASSIS -

namorado, — tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.



— Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

— Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam

42

- PAI CONTRA MÃE -

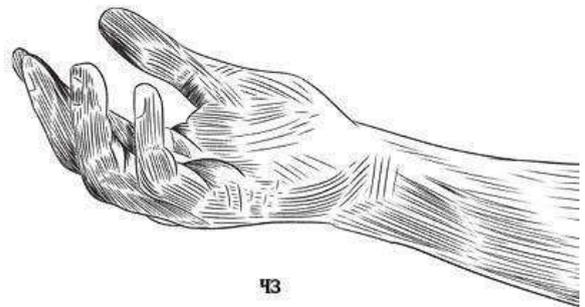
um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

— Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

— Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digerira-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo.



43

- MACHADO DE ASSIS -

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

— Deus nos há de ajudar, tia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espereitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

— Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

— Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

— Nascem, e acham sempre alguma cousa certa que comer, ainda que pouco...

— Certa como?

— Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

44

- PAI CONTRA MÃE -

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

— A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

— Bem sei, mas somos três.

— Seremos quatro.

— Não é a mesma cousa.

— Que quer então que eu faça, além do que faço?

— Alguma cousa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armazinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

— Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalha-

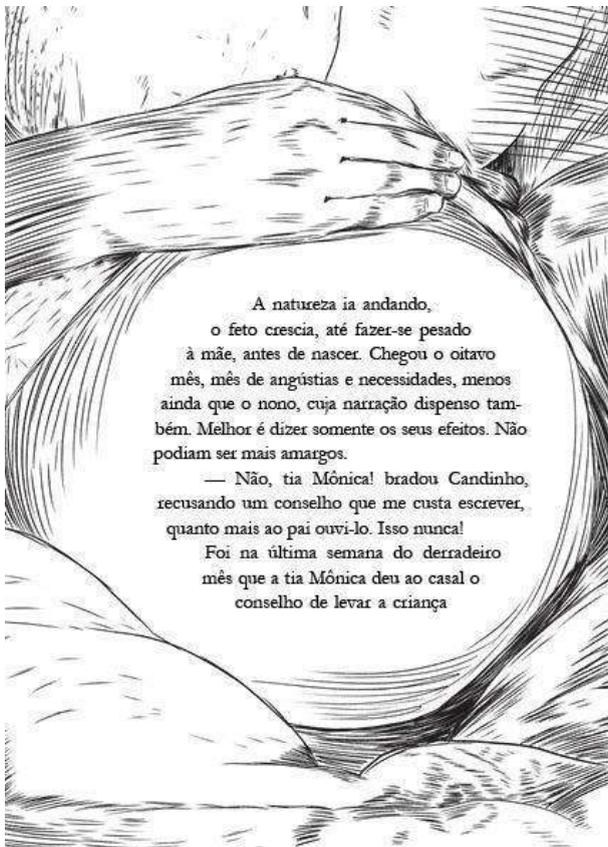
45

— MACHADO DE ASSIS —

dor, como abtira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencía sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais

46



A natureza ia andando,
o feto crescia, até fazer-se pesado
à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo
mês, mês de angustias e necessidades, menos
ainda que o nono, cuja narração dispenso tam-
bém. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não
podiam ser mais amargos.

— Não, tia Mônica! bradou Candinho,
recusando um conselho que me custa escrever,
quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro
mês que a tia Mônica deu ao casal o
conselho de levar a criança

— PAI CONTRA MÃE —

de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelo aluguel.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

— É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas conseqüências. Deixei-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra cousa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

47

— PAI CONTRA MÃE —

que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dois jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

— Titia não fala por mal, Candinho.

— Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor, — crueldade, se preferes.

49

- MACHADO DE ASSIS -

Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dois foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

— Quem é? perguntou o marido.

— Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

— Não é preciso...

— Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

— Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances

50

- MACHADO DE ASSIS -

aposento de favor, e dois dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abriu mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha

52

- PAI CONTRA MÃE -

não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dois, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao

51

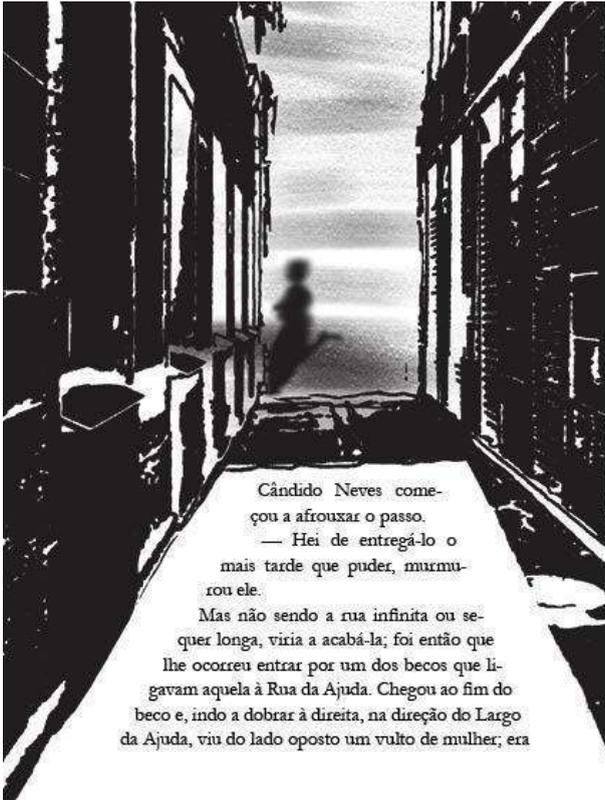
- PAI CONTRA MÃE -

os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha,

53



Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

— Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era

— PAI CONTRA MÃE —

a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

— Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

— Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

SS

— MACHADO DE ASSIS —

— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

— Siga! repetiu Cândido Neves.

— Me solte!

— Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoutes, — coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoutes.

— Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi,

— PAI CONTRA MÃE —

apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que deveria. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

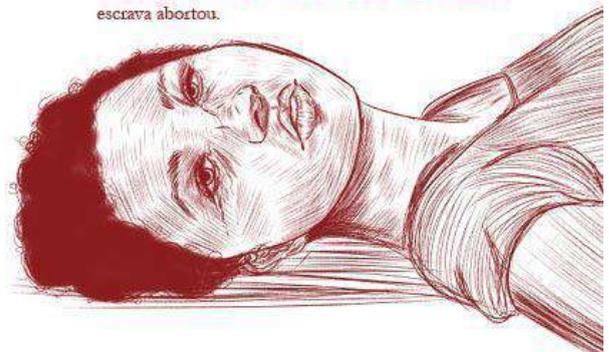
— Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

— É ela mesma.

— Meu senhor!

— Anda, entra...

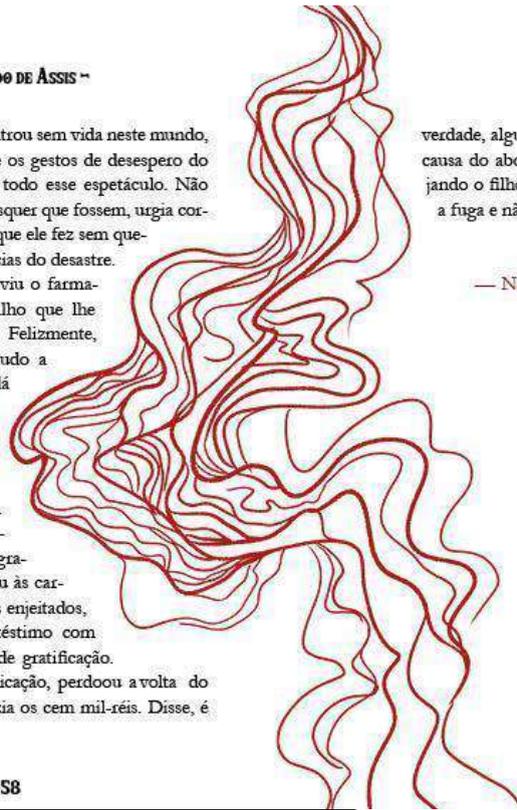
Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os em mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta milréis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.



- MACHADO DE ASSIS -

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as conseqüências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é



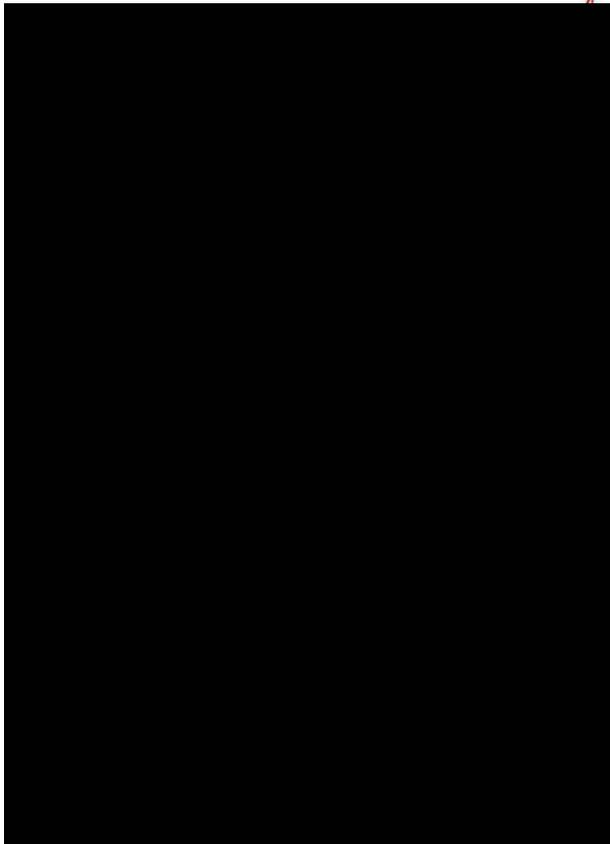
58

- PAI CONTRA MÃE -

verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

— Nem todas as crianças vingam,
bateu-lhe o coração.

59



Esta obra foi composta na fonte Garamond,
sobre papel pólen 80g/m², agosto de 2023.